

Tribuna Operária da Luta

ANO VI — Nº 195 — DE 26 DE NOVEMBRO A 1 DE DEZEMBRO DE 1984

Cr\$ 500,00

Show de arrogância no funeral do PDS

O candidato do regime militar, Paulo Maluf, impôs no Diretório Nacional do PDS sua tese de que todo pedessista tem que votar nele, sob pena de ser expulso e cassado. A reunião, porém, mais parecia uma caricatura do regime em agonia: esvaziada, tensa, pontilhada de xingamentos e violências e ameaças. Página 3



HOJE: REUNIÃO DO DIRETÓRIO DO PDS
AM: FECHAMENTO DE QUESTÃO

WLD

EDITORIAL

Retrato do regime

A última reunião do Diretório Nacional do PDS, com o extravagante "fechamento de questão" para tentar fazer os dissidentes do partido embarcarem na canoa malufista em 15 de janeiro, é um retrato fiel do regime militar imperante no país há 20 anos.

Há pouco tempo atrás reuniões como esta seriam muito concorridas. E suas arbitrárias decisões seriam apresentadas como modelos de democracia. Ainda em 1978 medida semelhante foi adotada e não era possível a ninguém contestar. A existência do Ato-5, o clima de terror, a mordida sobre as entidades e organizações democráticas e populares permitiam que o fascismo se apresentasse com uma fachada colorida, reluzente, encobrindo o conteúdo podre e malcheiroso.

Entretanto não foi possível manter a farsa. Os projetos "milagrosos" faliram, o esquema de sustentação política emperrou, o povo levantou-se e saiu às ruas aos milhões. Os generais, tão prepotentes, se viram isolados e repudiados. A candidatura Maluf, como a lama que se deposita no fundo do esgoto, revelou-se como essência do sistema implantado desde 1964. A arrogância e a corrupção aparecem como seus símbolos mais ostensivos. Importantes setores até recentemente integrantes das hostes governistas romperam com a dupla Maluf-Figueiredo. Formou-se uma vastíssima frente oposicionista que lançou Tancredo Neves como candidato a presidente da República com a tarefa de mudar o estado de coisas existente.

A tal ponto chegou este processo que agora dentro do próprio grupo já restrito do governo, que endossou a candidatura Maluf, revelam-se novas cisões. Na tal reunião pedessista, figuras de alta projeção se ausentaram. Entre os ministros só compareceram Cesar Cals e Abi Ackel. O próprio regime vacila em esposar as manobras aventureiras da gang malufista mais agressiva.

Parece que, anteendo a derrota inevitável, o quartel general do Planalto prefere tramar formas de comprometer e sabotar o futuro governo democrático encaixado por Tancredo.

Mas não se pense que esta situação se resolverá facilmente. Batido, isolado, desmoralizado, Maluf segue em frente e parte para uma desatinada investida falando até em cassar o mandato dos dissidentes. Faz da sua vontade a lei maior. E não vacila em passar por cima das próprias instituições existentes. Ainda deposita esperanças em conseguir tumultuar o quadro político e tirar vantagem da confusão. O mesmo se pode dizer do regime. Não sairá de cena tranquilamente. Colocará ainda em campo todo o arsenal de trapaças que puder arremeter.

Se a oposição se limita a contestar estas manobras no terreno jurídico apenas, facilitará o continuísmo. O que se impõe é mostrar cabalmente que a batalha pela sucessão é uma questão essencialmente política e que a liquidação do regime militar, a derrota de Paulo Maluf, a vitória de Tancredo Neves como representante das correntes democráticas, são hoje exigências vitais, com as quais estão comprometidos as mais amplas correntes de opinião pública do país, em especial os trabalhadores.

Urge desmoralizar e barrar imediatamente toda e qualquer tramóia de Maluf e do regime para impedir o avanço oposicionista. Como já se repetiu mil vezes, e como a vida demonstrou, o método garantido para isto é chamar o povo a se pronunciar. As leis, quando as massas estão fora de ação, valem pouco, são rasgadas pelos golpistas. De hoje até o dia da reunião do Colégio Eleitoral os trabalhadores e os democratas não podem faltar ao dever de gritar bem alto, nas ruas, o anseio geral do Brasil, por liberdade e progresso, e pelo fim da ditadura.

Povo albanês festeja 40 anos de revolução

No socialismo de verdade, quem manda no governo e no país são os operários e camponeses. Página 2

A economia socialista demonstra na prática que é a única à prova de crises e recessões. Pág. 5

Um conto albanês inédito no Brasil fala sobre Shakespeare e a guerra de guerrilhas. Página 9



Acima, Enver Hoxha com um grupo de guerrilheiros durante a guerra de libertação; abaixo, 1º de Maio em Tirana

Perspectivas nacionais do movimento comunitário

Quatro diretores da Conam assinam documento apontando os rumos para erguer uma entidade viva e forte. Pág. 7

Trabalhadora rural gaúcha debate suas lutas em Ijuí

Os problemas e reivindicações das mulheres que trabalham a terra, discutidos num encontro com mil presentes. Pág. 6

Bancos estrangeiros montam arapuca contra Tancredo

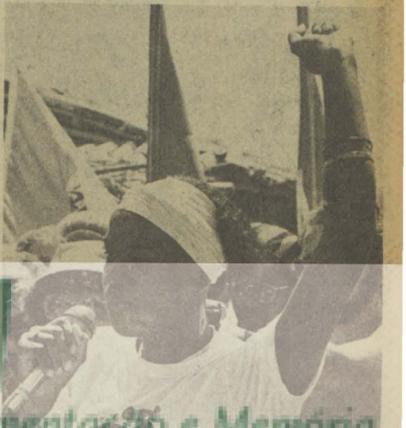
Querem amarrar o próximo governo a um plano de arrocho acertado ainda por Delfim Netto e Figueiredo. Página 4

Por que os EUA cobiçam tanto a América Central?

Por trás da atual agressão à Nicarágua e El Salvador estão velhos planos do imperialismo americano. Página 2

Homenagem ao herói Zumbi dos Palmares

O Dia da Consciência Negra, na terra do maior dos quilombos. Pág. 10



Líderes negros do Brasil e do mundo

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Reagan quer anexar a América Central aos EUA

Após o cerco militar ao país protagonizado pelo governo Reagan no início do mês, o imperialismo ianque passou a golpear ainda mais acentuadamente a combalida economia da Nicarágua. Desde a derrubada do governo de Somoza, os sandinistas enfrentam o boicote no comércio externo e a sabotagem de sua economia.

Os navios norte-americanos fustigam as embarcações que se dirigem à Nicarágua, afetando o comércio exterior nicaraguense. Dentro do país, mercenários contratados pela CIA estão matando os trabalhadores da lavoura. Somente neste mês, 25 camponeses foram mortos quando participavam da colheita. As ações armadas já causaram a perda de 35% das safras de café e algodão, principais produtos nicaraguenses. A Costa Rica, fiel aos ditames de Reagan, está cortando as exportações para Manágua. O presidente da Argentina, Raul Alfonsín, denunciou pressões da Casa Branca para apoiar a política ianque na América Central. São grandes os interesses dos EUA nesta área.

O presidente norte-americano James Buchanan (1856-1860) afirmava que a América Central, "pela natural gravidade das coisas, deverá cair, um dia não muito distante, sob a jurisdição dos Estados Unidos". O atual presidente, Ronald Reagan, parece pensar que o sonho de Buchanan já se realizou, e que a América Central já está sob jurisdição de seu governo, tamanha a arrogância com que se refere aos países da área, chegando a invadir um deles — Granada — no ano passado.

De fato, desde que começou a se formar o império norte-americano, a proximidade geográfica com a América Central facilitou as investidas militares contra seus povos. Afinal, os EUA já perpetraram mais de 70 agressões no México, América Central e Caribe. Os interesses econômicos e militares da superpotência ianque na área são imensos.

Região estratégica desde a época da colonização européia

Já na época da colonização européia, América Central e Caribe tinham importância estratégica. As grandes Antilhas, Cuba sobretudo, ficavam nas encruzilhadas das rotas de navegação entre América e Europa. O istmo do Panamá, Vera Cruz, e o golfo do México, e Cartagena, na Terra Firme, eram pontos nevralgicos do império espanhol.

Quando ocorreu a conquista do oeste nos Estados Unidos, muitos ianques preferiam chegar à região por mar do que por terra. E o istmo do Panamá ganhou importância na vida norte-americana. Os EUA bancaram a construção do Canal do Pana-

má, que une o mar do Caribe com o Oceano Pacífico. Por ali passam, anualmente, mais de 1.200 navios na atualidade, e 75% das mercadorias por eles transportadas são originárias dos EUA ou a eles estão destinadas. A América Central é caminho também para 50% do petróleo consumido pelos Estados Unidos. Além disso, o Pentágono considera a região a "quarta fronteira" ianque, e instalou 14 bases militares na Zona do Canal, a base militar de Guantánamo em Cuba, o complexo anti-submarino nas Bahamas, as infra-estruturas aéreas e navais em Honduras — atualmente uma base militar ianque contra a Nicarágua.

Cerca de dois terços do comércio externo centro-americano são monopolizados pelos ianques. Aliás, existe na região uma colônia dos EUA de tipo clássico, Porto Rico.

A região exporta matérias-primas e, como acontece com países explorados, importa os produtos industrializados. A pauta de exportação é enorme: enxofre, chumbo, zinco, carvão, estanho, antimônio, mercúrio, cobre, cádmio, tungstênio, gipsita, pedras preciosas, sal, asfalto natural, alumínio, manganês, ouro, petróleo, ferro, níquel, calcário, quartzo, caulim, argila e bauxita — a Jamaica está entre os maiores

produtores de bauxita do mundo, e satisfaz 25% das necessidades ianques deste minério.

Monopólio ianque no comércio externo da América Central

A empresa norte-americana United Fruit Co. atua na área desde fins do século passado, explorando trabalhadores na produção de banana, café, açúcar, cacau, algodão, e ainda promovendo golpes de Estado, assassinatos de lideranças políticas, sindicais e populares etc. Outros produtos exportados pela América Central e Caribe são cidra, produtos silvestres, coco, arroz, milho, sorgo, cana, feijão, tabaco, sisal, melão, limão, laranja, noz-moscada e madeira. A região é responsável por 13% da produção mundial de banana e 10% da de café. Um recorde triste: o Haiti é o maior exportador de sangue humano do mundo! Os países que integram este pedaço da América acumulam uma dívida externa que, em 1980, era de 19 bilhões, 856 milhões e 600 mil dólares.

Para se precaver contra a revolta latente entre os 46 milhões de habitantes da América Central e Caribe, os EUA destinaram à região 15% dos 175 bilhões de dólares de seu orçamento militar em 1982. Henry Kissinger quer que a Casa Branca coloque nesta área mais 24 bilhões de dólares de seu orçamento militar até 1990. Seguindo esta orientação, o governo solicitou a liberação de 3 bilhões e 480 milhões de dólares para a guerra na região em 1984-85. Na sua lógica belicista, Reagan considera que "a segurança da América Central é a nossa (dos EUA) segurança". O chefe imperialista busca incorporar, assim, os povos da área à "jurisdição dos EUA", como pretendia Buchanan. (Carlos Pompe)



Os povos centro-americanos sempre resistiram à dominação imperialista dos ianques

Uruguaios votam contra a tirania

Após 11 anos sob feroz ditadura militar, os uruguaios vão às urnas neste 25 de novembro escolher o novo presidente da República. Existe um fator comum entre o povo: pôr fim ao atual regime. E isto permitiu que os quatro maiores partidos políticos fizessem um pacto com alguns pontos básicos a ser cumprido, seja qual for o vencedor das eleições.

Numa declaração conjunta, os candidatos a presidente e a vice dos partidos Colorado, Blanco, Frente Ampla e União Cívica assumiram alguns compromissos básicos, visando o retorno do país à democracia. Este pacto, denominado "concertación nacional", propõe o res-

tabelecimento de todos os direitos e garantias civis, plena vigência dos direitos humanos, fim definitivo do exílio, políticas de habitação, saúde, autonomia da Universidade, independência do Poder Judiciário e estudar a situação dos funcionários demitidos pelo regime militar.

Os uruguaios que mantinham um padrão de vida melhor do que a maioria de seus vizinhos latino-americanos e uma tradição de governos constitucionais, no bojo de uma grave crise econômica, se viram mergulhados numa longa noite de trevas. Em junho de 1973 o Congresso é fechado, os militares são os governantes de fato, qualquer atividade política é reprimida e as entidades sindicais e populares são colocadas na ilegalidade.

O povo nunca aceitou os tiranos no poder. Logo após o golpe foi deflagrada uma greve geral por 15 dias. As prisões ficaram abarrotadas de patriotas, e aqueles que escapavam dos verdegos iam para o exílio. O Uruguai se transformou no país com o maior número de presos políticos em relação à sua população em todo o mundo.

O regime tentou se institucionalizar, mas fracassou. No plebiscito de 1982, o povo votou esmagadoramente um "não" à proposta constitucional fascista dos militares. Particularmente a partir de 1983 houve manifestações de centenas de milhares de pessoas nas ruas contra a ditadura. Em janeiro deste ano uma greve geral paralisou totalmente o país. Isolados e repudiados por toda a sociedade, os militares aceitaram a realização das eleições em 25 de dezembro.

CARAVANAS DE EXILADOS

No exterior está havendo uma grande mobilização dos exilados uruguaios para voltar à pátria e depositar seu voto nas urnas. Caravanas do Brasil, Argentina, Venezuela, de vários países da Europa e até mesmo da Austrália desembarcarão em Montevideo nas vésperas do pleito presidencial. No Brasil calcula-se que moram 250 mil uruguaios residentes em vários Estados. De São Paulo partiu uma caravana de seis ônibus organizada pela Frente Ampla, com uruguaios, personalidades brasileiras e jornalistas. A Tribuna Operária está presente com seu enviado especial para cobrir a grande festa uruguia pela democracia e o fim da ditadura.



Os trabalhadores participam das decisões políticas e econômicas na Albânia

Participação popular no poder socialista

As reuniões realizadas em 1976, para discussão da nova Constituição albanesa, contaram com a participação de cerca de 1 milhão e 500 mil pessoas, o equivalente a quase toda a população adulta do país. Mais de 1 milhão de trabalhadores debateram o plano quinquenal em vigor (1981-1985). Do exame do novo Código da Família, em 1982, tomaram parte cerca de 800 mil pessoas. Quando visitei a Albânia, no começo deste ano, já haviam iniciado o debate sobre o próximo plano quinquenal (86-90).

Assim funciona o processo de tomada de decisões na Albânia: após prolongados debates populares, os projetos seguem para a Assembléia Popular, numa combinação de democracia direta e representativa. O poder constitui-se de intrincada rede de órgãos estatais e representativos, que vai desde a Assembléia Popular aos conselhos populares de bairros e aldeias, passando por toda a estrutura do Estado, o Partido do Trabalho e as organizações de massa — União Profissional, União de Mulheres e União da Juventude — reunidas na Frente Democrática. Isto sem falar nos coletivos de trabalhadores por empresa, que também participam, direta ou indiretamente, do poder. Este conjunto de organismos envolve aproximadamente 33 mil pessoas eleitas, 78% das quais procedentes da classe operária e do campesinato cooperativista. Trata-se de inequívoca demonstração de que na Albânia os trabalhadores estão, de fato, no poder, sob a direção do PTA.

Estar no poder, para os trabalhadores, significa a maior garantia de que o sistema socialista, que atende fundamentalmente aos seus interesses, se manterá vigente. A Assembléia Popular, órgão supremo do poder estatal, é formada por 250 deputados eleitos, de quatro em quatro anos, pelo sufrágio universal, direto e secreto dos cidadãos maiores de 18 anos. A Assembléia define a política interior e exterior do Estado e nomeia o Conselho de Ministros — órgão executivo e administrativo —, o Conselho de Defesa e os Tribunais Supremo e Fiscal. Dos 250 parlamentares, 95 são de origem operária e 73 de origem camponesa. Assim, o poder na Albânia é essencialmente colegiado.

Os deputados gozam de imunidade, não podendo, por isso, serem presos, detidos ou processados sem autorização da Assembléia, salvo em flagrante. Mas, por outro lado, podem ter o

40 anos de revolução albanesa



mandato cassado por 13 dos seus eleitores conforme me explicou a deputada Nawanka Bushi que, junto com outros 13 parlamentares, representa a região de Berat na Assembléia Popular. Os deputados não são profissionais: "Meu trabalho como deputada é um dever social e político, pelo qual não recebo qualquer remuneração material", afirmou Nawanda, atualmente trabalhando na cooperativa agrícola de Lapardha.

Segundo os albaneses, fortalecer cada vez mais este sistema político em que os trabalhadores estão exercendo o poder, é básico para a manutenção da democracia socialista. O fortalecimento desse sistema implica, entre outras coisas, uma participação cada vez maior dos cidadãos na gestão do Estado e na direção da economia. Eles seguem uma máxima de V.I. Lênin de que "é preciso que cada cozinheira aprenda a dirigir o Estado". As organizações de massa e o próprio PTA jogam papel de grande importância neste aprendizado que atinge todos os trabalhadores.

Por outro lado, os albaneses se preocupam muito em combater qualquer tendência ao burocratismo, um dos vícios que acabou sepultando o socialismo na União Soviética e nas ex-democracias populares do Leste europeu. A principal forma desse combate é evitar que os quadros dirigentes se distanciem do conjunto do povo e terminem por formar uma nova classe de exploradores. Assim, todos os dirigentes são obrigados a prestar contas constantemente perante o povo. Frequentemente são deslocados para atuar diretamente na produção. Da mesma forma, de quando em quando o PTA realiza campanhas nacionais para simplificar os sistemas de planejamento e administração, para reduzir cargos e fazer com que um número cada vez maior de operários e camponeses saídos diretamente da produção ocupem cargos no Estado e na direção da economia. Tudo isso garante ainda mais que a Albânia permaneça livre dos riscos de degeneração do socialismo e os trabalhadores continuem no poder, aprofundando a ciclópica tarefa da edificação socialista. (Luiz Manfredini)

Semana Cultural da Albânia

albânia

40 ANOS DE SOCIALISMO

Dia 26/11 - 20 h - Sala Adoniran Barbosa
Palestra: "A indústria e a agricultura - base da economia na Albânia", com Dyneas F. Aguiar.

Dia 27/11 - 20 h - Sala Adoniran Barbosa
Palestra: "A cultura e o ensino na Albânia", com Luiz Manfredini e Jaime Sautchuk

Dia 28/11 - 20 h - Sala Adoniran Barbosa
Palestra: "A situação da mulher e da juventude na Albânia", com Olívia Rangel, Maria do Socorro e Antenor Lins

Dia 29/11 - 20 hs - Sala Adoniran Barbosa
Ato de comemoração do 40º aniversário da Libertação da Albânia

Concerto de música albanesa com o Sexteto Vocal de São Paulo (Roberto Casemiro, Vitória Kerbauy, Heloisa Castelar Petri, Marilena de Oliveira, Sérgio Padeleski e Ronaldo Garcia, integrantes do Coral Paulistano).
Coordenação musical: maestro Roberto Casemiro. Apoio cultural: Depto. de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura.

De 26/11 a 02/12 - das 9 às 22 h - Foyer
Exposição fotográfica Albânia Nova e exposição de artesanato, selos e vestimentas populares.

Local: Centro Cultural São Paulo - Rua Vergueiro, 1.000 - Centro - São Paulo



Dentro de sua programação para comemorar o 40º aniversário da Revolução albanesa, a Associação de Amizade Brasil-Albânia acaba de lançar o seu jornal, que pode ser adquirido na sede da entidade, rua Barão de Itaipava, 197, Sala 1335

Fundação Maurício Grabois



Caravana de exilados parte de São Paulo para retornar ao Uruguai

Cresce mobilização para comício de SP

A mobilização para o comício do dia 7 de dezembro em São Paulo ganhou maior impulso na semana passada com a realização de diversas reuniões preparatórias e a distribuição do material de propaganda entre as entidades empenhadas na convocação do ato.

Quarta-feira, na sede do PMDB, em poucas horas foram distribuídos mais de 600 mil filipetas, além de milhares de adesivos, cartazes e faixas alusivas ao comício para mais de uma centena de comitês pró-Tancredo, diretórios e núcleos do partido e algumas entidades populares.

Cerca de 50 comitês de campanha estão funcionando na capital e já sobressaem algumas iniciativas exemplares, como a do comitê organizado na Vila Clementino, que imprimiu um informativo (Muda Brasil) próprio explicando a luta pela eleição de Tancredo Neves e convocando para o comício do dia 7.

O ânimo é bastante favorável a uma ampla mobilização. O pedreiro aposentado José Roberto de Souza, 48 anos, por exemplo, depois de se munir com milhares de filipetas, diz que "só no bairro Jardim Varginha, onde moro, nós vamos lotar três ônibus se o transporte for garantido. Todo mundo lá está com Tancredo, o povo está machucado e quer mudar e precisamos cobrar um bom governo do Tancredo".

Ainda permanece, contudo, a indecisão sobre o local da manifestação, a princípio prevista para a Praça da Sé. Na reunião entre os representantes das entidades comprometidas com a mobilização realizada terça-feira na Assembléia Legislativa, todos reivindicaram a transferência para o Anhangabaú.

Interior agita

Mais de 10 mil pessoas — o equivalente a 30% da população local — participaram do comício de comemoração da vitória do PMDB no município e de apoio a Tancredo Neves em São Manuel, interior de São Paulo. Convocado pelo prefeito Milton Monti, o comício registrou o apoio maciço da cidade à administração oposicionista. Das 17 às 22h30 do dia 15 de novembro, os populares ouviram quase 50 oradores, que denunciaram os desmandos do PDS e conclamaram à união em torno do candidato das oposições.

Segundo o vereador do bloco popular do PMDB, Pedro Cicarelli, mais de 50% dos eleitores de São Manuel estavam presentes no ato, "o que veio reafirmar a liderança do PMDB no município, tradicionalmente terra dos Barros — Ademar de Barros e Reynaldo de Barros —, e daqui para frente, vamos lutar para consolidarmos um programa mínimo para Tancredo".

Beatriz, representante da UNE, defendeu a unidade oposicionista para derrotar Maluf. Foi a única mulher a falar no comício, e a mais aplaudida, juntamente com o prefeito Milton Monti e o deputado federal Herman Neto, ao colocar Maluf como o inimigo número um do Brasil.

O apresentador do comício, Edgard Felipe, denunciou que o ato não estava sendo transmitido pelas emissoras de rádio locais devido à proibição arbitrária do governo federal. (Haroldo do Amaral, Botucatu)



Os malufistas reunidos para fechar questão: do ministério, só Ackel e Cals presentes.

Brigas, ameaças e confusão no que sobrou do PDS

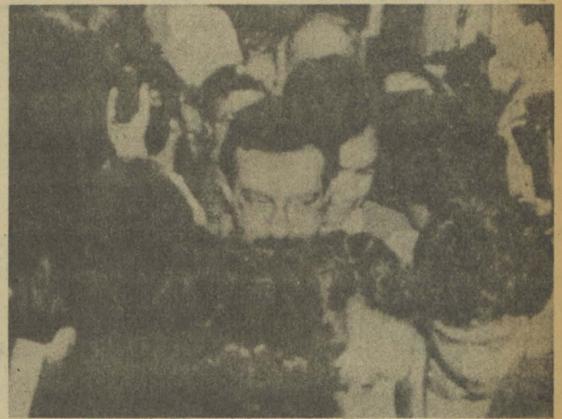
O Diretório Nacional do PDS decidiu quarta-feira fechar questão em torno da candidatura Paulo Maluf e tentar a cassação dos membros do Colégio Eleitoral que não se curvarem à sua vontade. Apenas dois ministros e um governador estadual compareceram à reunião, marcada pela divisão, vaias e xingamentos, empurrões... enfim, um fiel retrato do PDS hoje.

Com a decisão, aprovada por 74 votos, contra oito e duas abstenções, os malufistas arquitetam um golpe desesperado para impedir a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral. Na verdade, porém, a manobra não deverá surtir efeito. O Tribunal Superior Eleitoral já manifestou sua posição unânime de que a fidelidade partidária não se aplica à eleição do presidente da República. E mesmo que o TSE aceitasse o fechamento da questão a medida seria inócua; cálculos feitos pela Aliança Democrática demonstram que Tancredo Neves ganha a eleição mesmo que todos os votos que receba de deputados e delegados pedessistas sejam anulados.

Frente a esse quadro, há quem veja na iniciativa malufista intenções bem distintas das apresentadas em público. Seria uma forma de manter a candidatura à tona, apresentando uma réstia de esperança e alimentando o noticiário na imprensa, para que Paulo Maluf não afunde de vez como pretendente à Presidência, antes mesmo de 15 de janeiro.

CENA GROTESCA

Na verdade, a deliberação do Diretório Nacional do PDS não passou de mais



Os jornalistas expulsos da reunião do diretório do PDS.

uma cena grotesca. No mesmo dia em que a decisão era tomada, a candidatura de Tancredo Neves ganhava uma nova adesão: o deputado Jonathas Nunes, do PDS piauiense, tido como malufista, declarava da tribuna da Câmara que votará em Tancredo.

Ensandecidos, os malufistas voltaram seu ódio contra a imprensa, proibida de assistir a reunião do Diretório. Os repórteres foram expulsos da sala aos empurrões, sob ameaças e ofensas dos malufistas. O conhecido dedo-duro Eduardo Galil (PDS-RJ) quase agrediu um repórter da TV Globo que tentava filmar a expulsão dos jornalistas. Quando o deputado Humberto Souto, da Frente Liberal, leu no auditório o protesto dos profissionais da imprensa expulsos, os malufistas voltaram a destilar seu ódio. "Joga no lixo" — dizia Antônio Amaral, do Pará. "Rasga isso que é um insulto" — esbravejava Joacil Pereira. Até ameaças de morte os jornalistas sofreram. Quando uma repórter reclamou da decisão de expulsar a imprensa o senador Passos Porto respon-

deu: "Deixa disso, minha filha, você não quer ser um novo Mário Eugênio, não é?", numa referência ao jornalista assassinado uma semana antes pela polícia de Brasília.

PLANOS MALUFISTAS

A decisão do PDS não muda o curso da sucessão. O TSE tende a nem registrar a ata da reunião pedessista.

O próximo passo do desespero malufista será a inútil tentativa de expulsão de todos os políticos do PDS que apoiam o candidato das oposições. Encabeçam a lista dos ameaçados os ex-governadores Antônio Carlos Magalhães e Francelino Pereira. Pela vontade dos malufistas, todos os parlamentares que aderiram a Tancredo Neves seriam expulsos. "Vamos expulsar quantos forem necessários; vamos fazer uma limpeza, uma dedetização no partido" — prometia o deputado Adail Vetterazzo, de São Paulo, o mesmo que ameaçou de morte um jornalista que queria fotografá-lo depois da votação da emenda Dante de Oliveira. (da sucursal)



A BATALHA DA SUCESSÃO

"O comício será com certeza o maior da história de Alagoas"

O comício da Aliança Democrática em Maceió, no próximo dia 29, com a presença de Tancredo Neves e de todas as principais lideranças políticas e personalidades artísticas, será com certeza a maior manifestação da história de Alagoas". Quem faz esta afirmação é Enio Lins, da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil e membro da Comissão de Organização do Comício Pró-Tancredo. Ele acredita que o comício terá mais gente do que a grande concentração pelas diretas-já, em janeiro, que reuniu 60 mil pessoas na Praia da Pajuçara. Esta semana, segundo informou o deputado Eduardo Bonfim, começará o "arrastão" nos bairros da periferia da capital, convocando para o dia 29. (da sucursal)

Plebiscitos e mini-comícios agitam bairros de Fortaleza

Na semana passada foi grande a movimentação nos bairros de Fortaleza em torno da discussão sobre a sucessão presidencial. Na quarta-feira, o Centro Acadêmico do Conservatório de Música da Universidade Estadual do Ceará realizou o lançamento do Comitê Pró-Tancredo Neves e pela Constituinte, sendo feito um amplo debate sobre a conjuntura atual. Na quinta-feira foi a vez de vários bairros realizarem plebiscitos e comícios pró-Tancredo. No Conjunto Ceará, de 3.409 pessoas consultadas, o candidato da Aliança Democrática obteve a preferência de 2.805 contra 377 de Maluf. Após a apuração houve uma palestra com parlamentares, populares e personalidades democráticas. No bairro do Mucuripe, um dos maiores de Fortaleza, realizou-se comício que contou com a presença de diversas lideranças populares. No bairro do Pirambu, o maior do Estado, houve um show-comício, onde a atração principal foi um boneco de Tancredo Neves com dois metros de altura. Também foram feitas manifestações nos bairros Henrique Jorge, Rias Macedo e Boa Vista — sempre que algum orador citava o nome do "presidenciável" Maluf, os populares viajavam. (da sucursal)

Intensa preparação do ato pró-Tancredo em Sergipe

O grande comício pró-Tancredo Neves em Aracaju, Sergipe, já tem data marcada: será em 15 de dezembro na praça Fausto Cardoso. A expectativa dos organizadores da manifestação é que a presença popular seja maior do que a do ato pelas diretas-já (30 mil pessoas). É grande a movimentação no Estado. Na semana passada foram feitos dois mini-comícios: um no Bugio, que reuniu 1.500 pessoas, e um show-comício no Siqueira Campos, com a presença de Maurício Tapajós e Antônio Carlos do Aracaju, que reuniu mais de 3 mil populares.

Chico Buarque dá seu apoio ao candidato único das oposições

O cantor e compositor Chico Buarque de Holanda, que acaba de lançar um novo disco, já se definiu na questão sucessória: está com Tancredo Neves. Consagrado por suas músicas e respeitado por sua defesa intransigente das liberdades democráticas, Chico Buarque afirmou à imprensa: "Tenho que pensar em dados reais e não ideais. Assim, eu me sinto obrigado a apoiar integralmente Tancredo Neves, embora discordo em 90% do que ele diz. Vejo que a eleição de Tancredo é necessária para que se possa modificar, pelo menos, o nível das discussões".

Mulheres cearenses contribuem no programa de Tancredo Neves

O Departamento Feminino do PMDB do Ceará realizará nos dias 28 e 29 deste mês um Seminário das Mulheres Peemedebistas. Nele será aprovado um documento com reivindicações e sugestões para o programa de governo de Tancredo Neves. O seminário promete ser dos mais movimentados. A Executiva Estadual do partido, principalmente através do presidente em exercício, Iranildo Pereira, e do primeiro secretário, Benedito Bizerril, está dando todo apoio ao evento. Já o Centro Popular da Mulher fará no próximo dia 2 sua assembléia geral ordinária. O ponto que merecerá maior atenção dos participantes será a sucessão presidencial. (da sucursal)

"Que bandeira levar, general Figueiredo?"

No dia 16 de novembro a "Folha de S. Paulo" publicou na sessão "A Palavra do Leitor" carta de Roberval Severino Leite de Oliveira, de Cuiabá, MT. Devido à justezas de suas colocações e à importância do assunto tratado, a Tribuna Operária transcreve aqui essa carta, na íntegra:

"O governo brasileiro está muito preocupado com a cor das bandeiras no comício do futuro presidente Tancredo Neves.

"Tenho 37 anos de idade, pai de três filhos menores, aposentado por invalidez, percebo Cr\$ 99.412,00 e não posso comprar remédios porque não tenho dinheiro. Quando hospitalizado, não posso ficar por mais de dez dias (política do INPS). Fui enganado por uma companhia de seguros (multinacional, processo na Susep nº 1.972/84). Há mais de dez meses aguardo quitação do meu imóvel pelo BNH. Estamos passando fome; no momento só aguardo a morte.

"Gostaria de saber do governo qual a cor da bandeira que deveria levar ao comício do futuro presidente".

MUDA BRASIL!

TUDO PELA VITÓRIA DA CAUSA DEMOCRÁTICA

Em apenas dois meses da eleição do novo Presidente do Brasil, as forças Democráticas e Populares se viram constringidas ao Colégio Eleitoral, sedimento espúrio e ilegítimo, continuar, nas novas condições criadas, a luta contra o sistema instaurado no país há vinte anos.

As candidaturas estão colocadas: A de Paulo Maluf pelo que criou o PDS, apoiado pelo Regime Militar e de Tancredo Neves, o candidato único das oposições.

Paulo Maluf representa o continuismo do modelo político, econômico e social que levou o Brasil a este momento de crise e de sua história.

Tancredo Neves representa uma esperança de mudança para a maioria dos brasileiros. O povo conhece cada vez no Brasil.

Campanha Tancredo Já, como a continuação necessária da emenda Jornada pelas Diretas Já. Bem demonstram os recentes fatos, todos superando as marcas dos conflitos das Diretas, quadro eleitoral já está praticamente decidido. Tancredo Neves tem a maioria no Colégio Eleitoral e se tudo correr em seu favor será vitorioso à quinze de janeiro.

Tratando muita água irá correr até a reunião do Colégio Eleitoral. Os generais não admitem abandonar o poder. Perceberam que perderá e derrotado, o Regime e o seu candidato buscará vários meios impedir a vitória das oposições. Falam até "virar a mesa", através de um novo Golpe Militar.

Porque que a situação é adversa para novas aventuras golpistas. A vastíssima frente oposicionista formada em torno de Tancredo Neves torna a "mesa muito pesada".

MCS pela frente, antes, durante e depois de quinze de janeiro.

O informativo do comitê pró-Tancredo da Vila Clementino

Cearenses exigem comício de Tancredo em Fortaleza

O povo cearense ficou frustrado, e os democratas mais combativos do Estado protestaram contra o cancelamento do comício de Tancredo Neves em Fortaleza, originalmente marcado para o dia 29 deste mês. Com o falso argumento de que Tancredo já estaria eleito e de que manifestações populares só serviriam para tumultuar o processo sucessório, alguns membros da Frente Liberal cearense cancelaram o comício.

Em Fortaleza diversas entidades, parlamentares e ativistas protestaram contra a decisão, e exigem a realização do comício. No interior do Estado já estavam sendo preparadas caravanas com milhares de pessoas. Havia a previsão de que no mínimo 100 mil pessoas iriam ao comício.

Os vereadores populares Francisco Lopes e Luís Carlos Paes protestaram da Tribuna da Câmara contra a medida tomada. Luís Carlos entregou à Executiva Regional do

PMDB uma lista assinada por 18 vereadores do partido, ao mesmo tempo em que defendia a realização do comício junto ao colégio de suplentes do PMDB. Também na Assembléia Legislativa alguns parlamentares estão pressionando a direção do PMDB para que marque o comício para dezembro. O presidente em exercício do partido, Iranildo Pereira, o secretário geral, Bianou de Andrade, e o 1º secretário da Executiva Regional, Benedito Bizerril, são ardorosos defensores da realização do grande comício com a presença de Tancredo Neves.

O vereador Luís Carlos Paes declarou que "o povo está cansado de 20 anos de ditadura e está querendo participar ativamente da campanha de Tancredo Neves, mesmo a eleição se dando no Colégio Eleitoral. Mas somente com milhões nas ruas é que teremos a garantia da vitória e da posse de Tancredo".

(da sucursal)

Oposição requer convocação extraordinária do Congresso

A Executiva Nacional do PMDB, reunida quinta-feira em Brasília, decidiu prosseguir com a coleta de assinaturas necessárias ao requerimento de convocação extraordinária do Congresso entre 6 de dezembro e 20 de janeiro e comunicar às lideranças do PDS que o PMDB não acha conveniente a votação ainda este ano da emenda Carone.

O partido espera conseguir ainda esta semana as duas assinaturas de senadores que faltam para atingir o necessário quórum de dois terços. Na Câmara, 340 deputados assinaram o requerimento, o número suficiente para a convocação.

Apesar disso, o partido ainda não está plenamente convencido da necessidade do funcionamento extraordinário do Congresso: completadas as assinaturas, o requerimento será encaminhado ao deputado Ulisses Guimarães, que convocará uma nova reunião da Executiva para tomar uma decisão final.

"Precisamos saber se a situação política exigirá mesmo a convocação e além disso preparar uma pauta especial", justificou o presidente do PMDB. Depois de reafirmar que o partido tem um compromisso histórico com as eleições diretas, Ulisses descartou, ao mes-

mo tempo, o apoio à proposta de diretas já, dadas as atuais circunstâncias. Inclusive por isso, o PMDB acha inconveniente a votação ainda este ano da emenda Carone.

"Esta votação poderia levar à aprovação de alguma emenda prevendo as diretas já, o que não se compatibiliza com os prazos necessários à sua realização. Com isso poderíamos ser forçados a admitir a prorrogação dos atuais mandatos, o que é inaceitável", disse Ulisses.

O PMDB também rejeitou a proposta de um mandato tampão de 2 anos para Tancredo feita pelo governador Leonel Brizola. "Dois anos não credenciam o próximo presidente para enfrentar os gravíssimos problemas que afligem a nação", afirmou o presidente nacional do partido, que reafirmou sua continuação na vitória de Tancredo Neves no dia 15 de janeiro.

Ulysses: contra a convocação extraordinária do Congresso

Ulysses: contra a convocação extraordinária do Congresso

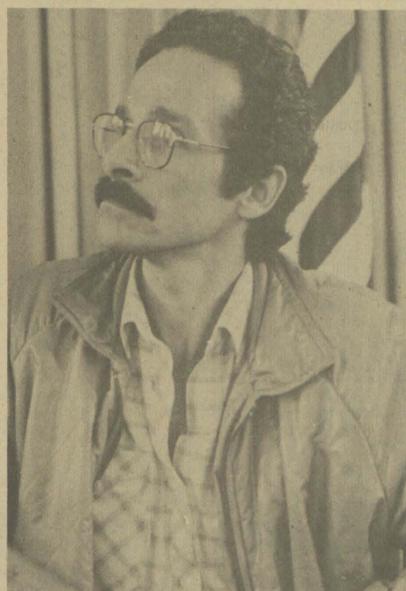
PF tenta forjar provas para condenar PC do B

O delegado Marco Antônio Veronese intimou 14 pessoas a prestar depoimentos na Polícia Federal, em São Paulo, dando prosseguimento à ofensiva iniciada em 26 de outubro contra os comunistas e contra a candidatura Tancredo Neves. Até o início de dezembro devem ser ouvidos também os atingidos pela repressão no Pará, em Goiás e na Bahia.

Como se recorda, neste dia foram invadidas sucursais da **Tribuna Operária**, o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais (CEPS), várias residências, e presas dezenas de pessoas, nestes quatro Estados.

Pelos interrogatórios ficou evidente que não se trata propriamente de um inquérito, mas de uma armadilha com o propósito de tumultuar o processo político. A tal ponto vai esta trama que o Dr. Veronese deixou escapar durante o depoimento de Rogério Lustosa: "O meu papel é provar que vocês são do PC do B e que o CEPS é um aparelho deste partido". Ou seja, a polícia parte de um pressuposto e tem ordens para "arranjar", de qualquer forma, provas para isto.

A arapuca se revela também quando, entre os documentos que a Polícia diz ter apreendido, consta uma folha datilografada, sem assinatura, com o título de "Plano para conter as tropas da reação". Neste texto é feito um discurso mal-arranjado falando em "efetivos dos quartéis", necessidade de "caminhões, bombas", e outras tantas coisas bem ao gosto dos especialistas em provocações. Este papel foi apresentado ao jornalista Rogério Lustosa com a insinuação de que seriam suas "anotações de aula". Para montar melhor o cenário, o delegado insistia em que o tema de sua "aula" não poderia ser "Teoria política marxista" mas "Estratégia", visando concluir que se tratava de estratégia militar ou até "curso de guerrilha". Quando o jornalista da **Tribuna Operária** recusou-se a entrar nesta trama e protestou, o delegado esbravejou e tentou, inutilmente impedir que no depoimento constasse o protesto do

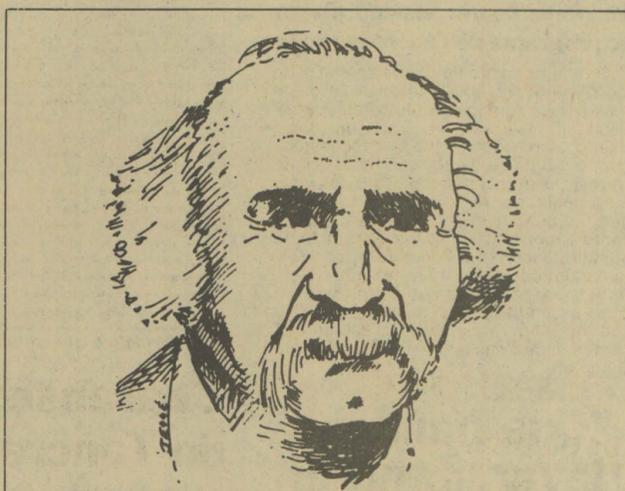


Rogério: protesto contra provocação

depoente e a sua afirmação de que o documento era provocação.

Com Walter Sorrentino, diretor do CEPS, o depoimento durou quatro horas e meia, numa insistente tentativa de obrigá-lo a reconhecer "provas" de acordo com os desejos da repressão. Com Ronald Freitas, Renato Rabelo e outros, a polícia esforçou-se para que reconhecessem documentos de origem ignorada porém que, segundo a repressão, "foram apreendidos" em suas residências, invadidas no dia 26, sem que nenhum deles estivesse presente. O alvo imediato da Polícia Federal é apresentar entidades legais, registradas, como o CEPS, como "organismos" do Partido Comunista do Brasil.

Para completar, quando o advogado Luís Eduardo Greenhalg tentou impetrar um *habeas corpus* em favor dos atingidos na IIª Auditoria Militar, em São Paulo, o escrivão recusou terminantemente o documento, dizendo que "isto só pode ser conseguido em Brasília". Ou seja, a Justiça Militar paulista ainda não reconhece a revogação do AI-5.



Participe da homenagem a Diógenes Arruda

Familiares, amigos e companheiros de Diógenes de Arruda Câmara, jornalista, ex-deputado federal por São Paulo, veterano lutador pela causa da democracia e pela liberdade em nosso país, ex-presos políticos, falecido prematuramente em 25 de novembro de 1979 em consequência de torturas que sofreu nos cárceres da ditadura, convidam-no para o ato que se realizará no próximo dia 30 de novembro em sua homenagem. A solenidade será na sede da ABI, rua Augusta, 555, às 20 horas.

Thereza Costa Rego - viúva
Eva Paraguassu de Arruda Câmara - filha
Clóvis Moura - historiador
Raimundo Pereira - jornalista (Retratos do Brasil)
Pedro de Oliveira - ABI
José Duarte - CCO
Rogério Lustosa - **Tribuna Operária**
Luís Eduardo Greenhalg - CBA
Antônio Neto - Comissão pela Legalidade do PC do Brasil



Reichmann e Ana Maria Jul, do FMI, querem garantir a continuidade da política recessiva em 1985

Arapuca econômica para 85

Desde o fim de agosto deste ano o governo militar e os banqueiros internacionais estão preparando uma bomba de efeito retardado para o governo Tancredo. Nos últimos dias essa "operação-arapuca" foi acelerada, revelando dois pontos principais: a "reforma bancária e a renegociação da dívida externa com o FMI e os banqueiros.

As negociações com o Comitê de Banqueiros deveriam ter começado em setembro, entretanto foram várias vezes adiadas. Até que, no dia 14 de novembro, o ministro Pastore e os

banqueiros abriram as negociações em Nova Iorque. Durante alguns dias, o público estupefocado tomou conhecimento da principal proposta do governo: renegociar as amortizações da

dívida por 14 anos num pacote gigantesco de 50 bilhões de dólares. Tratava-se de um plano de longo prazo que compromete a economia brasileira de forma estrutural, sendo defendido por um governo à beira da derrota e com poucos dias de mandato.

No entanto o resultado foi ainda pior. Os banqueiros, depois de uma semana de negociações, suspenderam o processo por tempo indeterminado deixando uma ameaça: só aceitam completar as negociações se tiverem garantias de que Tancredo Neves, ao tomar posse, concordará com mais um ano de recessão e arrocho salarial, desemprego e inflação.

CHANTAGEM

Os acordos com o FMI e todo o processo de negociações encetado com o Comitê de Banqueiros foram deflagrados em fins de 1982 e representaram um recorde de entreguismo na história brasileira. Seu ponto fundamental é a subordinação de nossa economia ao capital financeiro internacional, em particular aos bancos norte-americanos. Na prática, Figueiredo transformou o Brasil numa imensa máquina de pagar juros. Além da recessão, desemprego e inflação, os acordos entreguistas tinham um componente extremamente perigoso: sua duração de três anos, portanto caindo fora do período Figueiredo e tirando qualquer autonomia do próximo presidente. É esse absurdo político que está estourando agora.

Desde 1980 temos assistido, com vergonha, à viasacra dos nossos ministros junto aos banqueiros e autoridades financeiras mundiais. Ao mesmo tempo, missões subalternas do FMI — como a que está atualmente no país, comandada por Thomas Reichmann — entram e saem do Palácio do Planalto e das instituições estatais, bisbilhotando à vontade e arrotando orientações específicas.

A ESTRANHA REFORMA

Desde a reunião do Conselho Monetário Nacional realizada em fins de agosto, o governo está implantando uma "reforma bancária". São medidas que alteram o próprio coração da economia brasileira — o setor financeiro estatal —, tramadas nos bastidores do regime e aplicadas na base de decreto, decreto-lei e portaria.

A reforma pretendida muda as atribuições do Banco Central, do Tesouro Nacional e do Banco do Brasil. Hoje estas instituições estão interligadas a tal ponto, que representam um poderoso monopólio do Estado, e o objetivo principal alegado para a reforma é a separação de contas, principalmente entre o Banco do Brasil e o Banco Central. Isso representa, nas condições apresentadas, um enfraquecimento do poder do Estado. Querem entregar para o governo de oposição um Estado enfraquecido, presa mais fácil das multinacionais.

(Luiz Gonzaga)

Pressões conflitantes

A candidatura Tancredo Neves paga o preço do favoritismo. Na medida em que o candidato do regime perde o sorriso, o fôlego e os votos, as forças em luta no cenário nacional tratam de atuar trabalhando com a hipótese de que as oposições farão o próximo presidente da República. E desde já pressionam no sentido de salvaguardar seus interesses.

Isto vale para as forças da reação, o imperialismo, burguesia monopolista e o latifúndio. E vale também para as forças do povo, em primeiro lugar os operários e camponeses. A insatisfação popular transbordante, centrada na política de fome e entreguismo do regime militar, manifesta-se com força nos comícios de Tancredo e se expressa numa plataforma com contornos bem nítidos.

No que diz respeito à orientação econômica, pode-se resumir esta plataforma em duas reivindicações básicas: o rompimento com a política escravizante do FMI e medidas de emergência.

Uma reivindicação está

indissolvelmente ligada à outra. A retomada do crescimento econômico, por exemplo, levantada não só pelos sindicatos de trabalhadores mas até por setores expressivos da burguesia, exige que se corte a corda amarrada pelo FMI no pescoço da nação. O mesmo vale para as exigências dos agricultores expressas no recente "Grito do Campo" em Porto Alegre. Ou para os pontos elaborados pelo movimento estudantil e aprovados no último Congresso da UNE. Os mutuários do BNH e os contribuintes da Previdência Social, igualmente, dependem da ruptura com o FMI para terem seus reclamos atendidos.

Há, portanto, pressões em sentidos opostos, tanto umas como outras com considerável poder de fogo. Ainda é cedo para prever como Tancredo Neves, eleito e empossado, responderá a elas. É certo, porém, que o movimento operário e popular, liberto do clima opressivo do regime dos generais, terá condições bem melhores para fazer ouvir sua voz e valer sua vontade.

Apoio a Tancredo no Espírito Santo

Mais de 20 mil pessoas foram às ruas de Vitória, na última quinta-feira, dia 15 de novembro, para receberem o candidato da Aliança Democrática à Presidência da República, Tancredo Neves. Tancredo esteve no Espírito Santo para a reunião anual da União Parlamentar Interestadual-UPI, que congregou mais de 200 deputados estaduais de todo o Brasil e na qual ele traçou

o perfil institucional de seu governo, com um discurso pautando os rumos da nova República que pretende inaugurar a partir de 15 de março.

Inicialmente, a Executiva do PMDB capixaba e o governo do Estado pretendiam fazer um grande comício aproveitando a presença de Tancredo Neves mas, segundo a assessoria do próprio candida-

to da Aliança Democrática, um comício como o que se objetivava, poderia empanar o brilho do encontro da UPI e a importância de seu discurso, considerado histórico. Mesmo assim, foi organizada uma grande recepção que se concentrou no aeroporto para sua chegada, com mais de duas mil pessoas. Houve ainda uma passeata de automóveis do ae-

roporto até o Hotel Senac, onde se realizava o encontro dos deputados estaduais, e uma concentração na Praia de Camburi, reunindo mais de 20 mil pessoas, a qual o candidato Tancredo Neves acabou por transformar num comício ao discursar.

No seu pronunciamento na Praia de Camburi, Tancredo enfatizou sua fé na mobilização popular para a legitimação de sua própria candidatura e para a manutenção das atuais regras institucionais. Citou inclusive o próprio exemplo capixaba que sequer havia programado um comício, mas cujo povo procurou organizadamente estar presente à sua recepção, transformando o caráter da festa num comício massivo. Para o êxito da concentração e da recepção ao candidato Tancredo Neves, contribuiu o apoio do governador Gérson Camata —, da Executiva e da Tendência Popular do PMDB — cuja presença, no caso de haver comício, era a de que tal manifestação fosse maior que a realizada na campanha das diretas a qual reuniu 100 mil pessoas no centro de Vitória.

(da sucursal)



Recepção a Tancredo virou comício, na reunião da União Parlamentar Interestadual

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Para sabotar as oposições

Caiu de vez a máscara do jornal "Folha de S. Paulo". Até recentemente, a pretexto de defender as Diretas-Já, procurava esvaizar a candidatura de Tancredo Neves, igualando-a a de Maluf, dizendo que ambas são ilegítimas porque vão ao Colégio Eleitoral. Agora propõe que Tancredo logo ao tomar posse convoque imediatamente eleições - em outras palavras, que renuncie e comece tudo de novo.

RESTAURAR A LIBERDADE

Apesar de argumentação cheia de retórica, e feita em editorial de capa, a proposta não passa de uma falcatura antidemocrática. Não se justifica ficar chorando e repetindo que o Colégio Eleitoral é espúrio, na vã tentativa de parar o tempo ou fazê-lo andar para trás. Se o povo não pode votar nas urnas, na atual situação o método para dar legitimidade ao presidente indicado pela oposição é a realização de grandes comícios em todo o país, onde o povo declare seu voto nas praças, publicamente.

E ao tomar posse, cumpre ao governo democrático iniciar, de modo mais rápido possível, a aplicação de um programa mínimo para restaurar a liberdade e a soberania da pátria, além de tomar medidas de emergência para aliviar as condições de vida do povo. Seria desastroso perder-se em formalismos e adiar novamente o processo de liquidação destes 20 anos de regime militar. Mais uma vez a legitimação do governo será alcançada dando condições ao povo de participar da vida política e cumprindo as orientações democráticas discutidas nos comícios, nas assembleias populares, enfim por toda a sociedade civil, neste período da campanha, apesar de todas as restrições ainda existentes.

OLHAR PARA FRENTE

Quanto ao direito democrático de eleições diretas para presidente, isto deve fazer parte obrigatória do programa mínimo de Tancredo. Mas o passo imediato, de fundamental importância, e que corresponde à realidade nesta emergência, é convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, em condições de liberdade, com amplo debate entre todas as correntes de opinião pública, para construir uma nova forma de governo, elaborar um novo ordenamento político e social, baseado na democracia. Este rumo é o que aponta para frente, a partir das condições existentes, de acordo com o conteúdo maior da gloriosa campanha das Diretas-Já e das manifestações de massas em apoio ao candidato das oposições.

Ficar preso às Diretas-Já para resolver esta batalha sucessória atual, é abdicar do conteúdo a pretexto de defender a forma. Esta foi uma aspiração inteiramente justa que não se tornou possível realizar. Não se pode deter a luta democrática por causa disto. Já ficou mais do que evidente que a alternativa de tomar de assalto o Colégio Eleitoral e lá derrotar a ditadura foi um caminho imposto pelos generais, contrariando quase que a unanimidade da opinião pública nacional. A vitória democrática neste nível é aquém do que o povo desejaria, mas não retira do governo Tancredo Neves a possibilidade de gozar de certo prestígio de massas - como demonstram os concorridos comícios da campanha - e de dar prosseguimento à luta pela democracia.

MAL ACOMPANHADA

A "Folha de S. Paulo" constata com certo júbilo em edições posteriores que a sua proposta "dividiu" os políticos. E logo registra o apoio de Lula ao seu projeto. E também de Plínio Correia de Oliveira, da tristemente famosa TFP. Para dividir e sabotar a candidatura de oposição este apoio não irá ajudar muito. Ao povo interessa unir e avançar. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Saúde do passado

O desatino do regime militar, e de Maluf, diante da falência de seus planos continuistas é bastante educativo. O candidato trombado puxa do bolso do colete uma ata de 1978 mostrando que o PDS fechou questão naquela época, obrigando seus delegados a votar em Figueiredo, no Colégio Eleitoral. Da parte dos generais, estes recentemente alardearam ameaças de reeditar os processos golpistas usados em 1964 e em 1968 com o Ato Institucional número 5. Todos eles olham para trás, para o que passou.

Trata-se de uma candidatura caduca, que representa o passado negro de 20 anos de ditadura. Seu ambiente é o ar poluído de mofo, de sangue, de corrupção. Tem necessidade das decisões na base da baioneta, do pau-de-arara, das mudanças casuísticas das leis. Com um mínimo de conquistas democráticas do povo fica como o peixe fora d'água, sufoca.

Hoje, o povo sai às ruas, os democratas estão unidos, criou-se uma vasta frente oposicionista que dá respaldo à candidatura Tancredo Neves. Tal conjuntura mostra o absurdo das botas militares sobre a Justiça e sobre a vontade amplamente majoritária dos brasileiros. Impõe decisão e unidade para liquidar de vez seus métodos e suas políticas.

Liberdade e prosperidade na Albânia Socialista

29 de novembro de 1944 entrou para a história do povo albanês como o dia da libertação do país dos ocupantes nazi-fascistas, o dia da independência frente às potências imperialistas, o final do domínio político dos latifundiários e da burguesia. São 40 anos de liberdade e prosperidade, de avanços gigantescos em todos os terrenos da vida de um povo marcado secularmente pela opressão nacional e social.

O significado desta obra — a libertação nacional — salta às vistas se considerarmos que a Albânia de 28 mil quilômetros quadrados, na época com 1 milhão de habitantes, fez frente a 15 divisões italianas e alemãs com 700 mil soldados fascistas. Cerca de 28 mil albaneses morreram nesta jornada histórica. Aproximadamente um por quilômetro quadrado. A vitória foi assegurada pela firme e clarividente direção da classe operária através de seu partido comunista, o Partido do Trabalho da Albânia, pelo engajamento massivo do campesinato e demais trabalhadores na luta de libertação.

Libertado o país e instaurado o poder popular, com o mesmo heroísmo o povo albanês iniciou outra tarefa titânica: reconstruir o país e desenvolver a revolução socialista.

Um árduo caminho após 500 anos de dominação

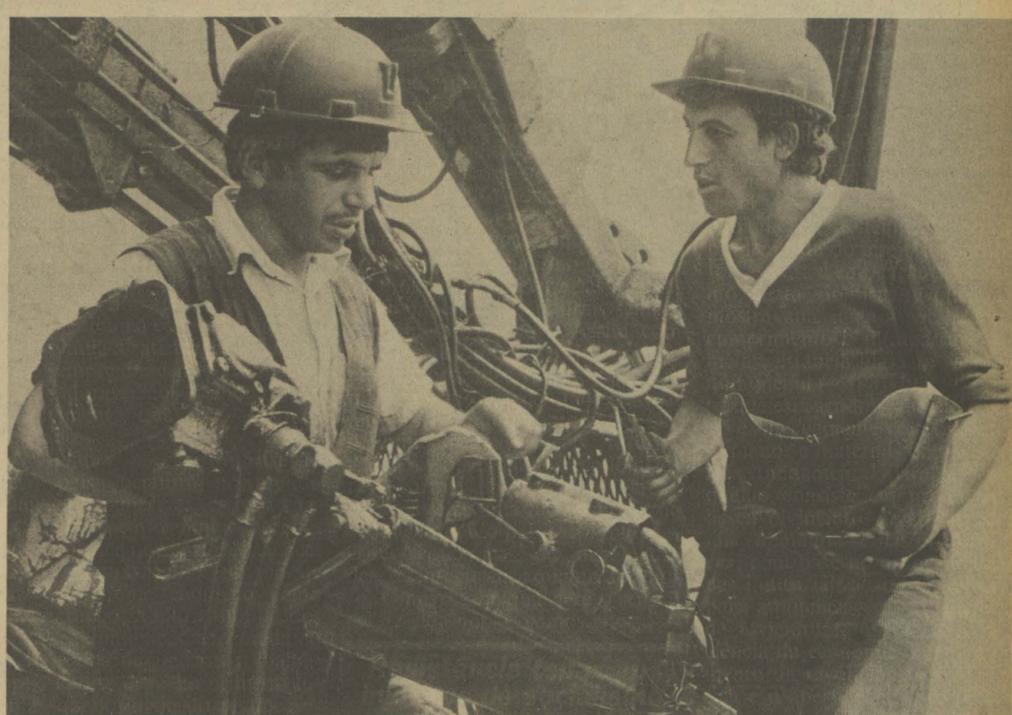
A Albânia tinha passado por 500 anos de domínio otomano e mesmo após a independência em 28 de novembro de 1912 continuou dominada por potências imperialistas: metade de seu território foi anexado à Iugoslávia. Antes da libertação, era um país agrário e semifeudal. O desenvolvimento do capitalismo era débil. O campesinato representava 90% da população sendo na sua maioria extremamente pobre. A terra encontrava-se concentrada nas mãos de uns poucos latifundiários e boa parte desta era pantanosa. As cidades eram muito atrasadas do ponto de vista econômico e social: em 1938 havia no país cerca de 300 pequenas fábricas; era o único país da Europa sem ferrovias; as minas eram exploradas por capitalistas estrangeiros e a classe operária do país chegava a somente 15.000 pessoas. 90% da população eram analfabetos.

No campo econômico era urgente a realização de medidas democráticas e ant imperialistas. Imediatamente após a revolução popular, iniciou-se um processo de eliminação das velhas relações agrárias cujo passo principal foi a promulgação da lei sobre a reforma agrária em agosto de 1945 entregando a terra a quem nela trabalha.

Paralelamente a isto, desenvolveu-se a nacionalização dos principais meios de produção e de imediato foi estabelecido o controle estatal sobre a produção. Em dezembro de 1945 foram nacionalizadas as minas e os bens dos que tinham colaborado com os ocupantes, o Banco nacional e as propriedades das empresas de capitalistas estrangeiros.

Completadas estas primeiras medidas, a revolução ganhou um novo impulso. Nas cidades, tratava-se de completar as nacionalizações, em outras palavras, promover a socialização dos meios de produção. Era necessário tirar o país do atraso e promover um rápido desenvolvimento das forças produtivas. Os planos econômicos começaram a ser elaborados, inicialmente um plano bienal (1949-1950). Já o primeiro plano quinquenal compreendia os anos de 1951 a 1955 e tinha como meta principal a transformação do país de agrário atrasado em um país agrário-industrial.

Todo um esforço foi desenvolvido no sentido de promover o progresso do campo albanês e aumentar a produção agrícola. Aumentou-se consideravelmente a área cultivável por meio da secagem dos pântanos e o arroteamento de terras montanhosas. As pequenas propriedades rurais passaram a ser reunidas em cooperativas onde a produção é coletiva e a distribuição do que foi produzido é feita de acordo com o trabalho por cada um realizado. No início promovia-se a junção de alguns pequenos produ-



Operários albaneses constroem a hidrelétrica de Koman, no rio Drin, com 600 mil kw de potência. Hoje Koman é a ponta de lança da edificação econômica do socialismo. No Plano Quinquenal passado, este papel coube ao complexo siderúrgico "Aço do Partido", em Elbasan, um moderno pólo industrial hoje em plena produção.

40 anos de revolução albanesa

tores que passavam a formar uma cooperativa agrícola. O movimento de coletivização da agricultura ganhou um grande impulso em meados dos anos 50 e, no início dos anos 60, todo o campo albanês estava coletivizado. O processo de coletivização ateu-se ao princípio leninista da livre vontade do campesinato. A conscientização dos trabalhadores rurais sobre a superioridade da produção coletiva tinha como base objetiva os exemplos das primeiras cooperativas. De fato, a reorganização socialista da produção agrícola levou a que em 1961 esta fosse o dobro da de 1938. Com a coletivização da agricultura estavam estabelecidas as relações socialistas de produção em todo o país.

Uma economia harmônica em bases científicas

Aplicando os ensinamentos do marxismo-leninismo e observada a rica experiência da construção do socialismo na União Soviética até meados dos anos 50, o povo albanês edificou uma economia multilateral voltada a satisfazer as necessidades sempre crescentes das massas trabalhadoras. São 40 anos de desenvolvimento estável e a ritmos acelerados.

A Albânia, por constituir-se no único país socialista no mundo atual, não conhece as terríveis chagas que corrompem o mundo burguês e revisionista e que levam a sua acelerada decomposição. O povo deste país vê-se livre de fenômenos como o desemprego, a alta contínua dos preços e a diminuição acentuada do nível de vida das massas trabalhadoras. Isto se deve em primeiro lugar à superioridade do regime social-econômico ali implantado, o socialismo, regime de bem-estar para os trabalhadores. Lá a direção da economia é feita de forma científica. As relações de produção são baseadas no caráter social da propriedade.

As crises no mundo capitalista e revisionista têm sua base na anarquia imperante na produção, na desproporcionalidade existente entre os diversos ramos e setores da economia. Neste mundo, o objetivo da produção é a obtenção do lucro

Crescimento econômico de 1983 em relação a 82

Produção de carvão	8,4%
Produção de cobre	7,9%
Produção de aço	29%
Produção da indústria alimentícia	4%
Produção da indústria mecânica	3%
Produção da indústria ligeira	6,4%
Produção agrícola em geral	9%
Renda per capita real	4%

Previsão de crescimento de 1984 em relação a 83

Produção industrial em geral	8,5%
Produção agrícola em geral	14%

máximo através do empobrecimento das massas trabalhadoras, do saque das riquezas dos povos dependentes, da militarização da economia e das guerras — as forças produtivas são sufocadas. Tudo é feito de acordo com os interesses dos magnatas em concorrência entre si.

No país do socialismo o objetivo da produção é satisfazer as necessidades materiais e culturais sempre crescentes do seu povo. Assim, com base nesse objetivo e de forma a mais democrática, é feito todo um planejamento da economia. É definido o que e quanto produzir e são determinadas as metas futuras. Além disso, os planos econômicos têm uma base científica. Estabelece-se uma tal harmonia na produção que o país se vê livre das crises econômicas, das instabilidades, da insegurança quanto ao futuro. O povo sabe qual será o seu nível de vida nos próximos anos.

Resistência tenaz aos inimigos do socialismo

O glorioso caminho do socialismo na Albânia é também um caminho de acirrada luta de classes contra os inimigos internos e externos. Logo após a libertação, os albaneses tiveram que enfrentar as pressões dos revisionistas titistas que pretendiam a anexação da Albânia por parte da Iugoslávia. A seguir vieram os revisionistas krushevistas em seus intentos de transformar a economia albanesa em um apêndice da economia soviética. Por fim en-

trou em cena a traição dos revisionistas chineses.

Se a Albânia pôde fazer frente a todos estes inimigos do socialismo e da independência dos povos, isto se deveu ao Partido do Trabalho da Albânia ater-se fielmente ao princípio leninista do apoio nas próprias forças para a edificação do socialismo. Esta política revolucionária mostra sua imensa vitalidade no cumprimento e ultrapassagem das metas estabelecidas no 7º plano quinquenal — 1981-1985, o primeiro que está sendo realizado contando exclusivamente com os recursos humanos e materiais do país. A tarefa fundamental para este quinquênio consiste em promover "o desenvolvimento geral da economia, apoiando-se nas próprias forças, com base no aprofundamento da industrialização socialista do país, a potenciação e intensificação da agricultura, o aumento da eficiência da economia, o desenvolvimento da revolução técnico-científica e o aperfeiçoamento das relações socialistas de produção, a fim de garantir e elevar gradualmente o bem-estar material e o nível cultural das massas trabalhadoras, fortalecer ainda mais o regime socialista e o potencial defensivo da Pátria" (1). Para tanto, em 1985, a produção social global deve crescer de 34 a 36%, a produção industrial de 36 a 38% e a produção agrícola de 30 a 32% em relação ao quinquênio anterior. (O êxito da realização do 7º plano quinquenal bem como os avanços do povo albanês em vários campos da atividade social vêm sendo refletidos na série "40 anos de revolução albanesa" na página 2 deste jornal.)

A história do povo albanês traz importantes ensinamentos para todos os povos. Seus 40 anos de socialismo mostram que com luta é possível construir uma vida de liberdade e progresso social. Como afirma o dirigente do povo albanês, o primeiro-secretário do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, "A vida é luta, e quando esta luta é vitoriosa, a vida se torna bela e próspera, quando é defendida com luta ela não obscurece e merece ser vivida" (2).

1- Enver Hoxha — Relatório ao 8º congresso do PTA
2- Enver Hoxha — As lutas anglo-americanas na Albânia



Agricultura em terraço para aproveitar as montanhas

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



A União de Mulheres de Ijuí saudou o 4º Encontro de Integração da Região Pioneira

Trabalhadora gaúcha contra discriminação

“Do lar, não. Trabalhadoras rurais!” Este foi o grito das mil mulheres do campo no 4º Encontro de Integração da Região Pioneira de Cotrijuí, Rio Grande do Sul. As gaúchas querem ser valorizadas e estão dispostas a lutar por seus direitos. Várias delas percorreram até 150 km para chegar ao local do Encontro.

O mau tempo obrigou a transferência do local do Encontro, do município de Augusto Pestana para Ijuí. Mas não impediu a presença maciça de mulheres. Gaúchas de Augusto Pestana, Jóia, Ajuricaba, Chiapeta, Coronel Bicaço, Santo Augusto, Tenente Portela e da própria Ijuí foram discutir seus problemas e reivindicações.

Clarice Hoerle, de Augusto Pestana, abriu o Encontro: “No quadro das significativas transformações vividas pela sociedade brasileira nos dias que correm, um dos fenômenos mais relevantes é o impetuoso despertar das mulheres. Hoje, torna-se cada vez mais numeroso o contingente de mulheres a engrossar as fileiras do movimento democrático e comunitário. Para ter participação política, econômica e social, a mulher tem que romper muito mais barreiras que o homem. A resistência começa dentro de sua própria casa, onde alguma vez o marido e os filhos não querem abrir mão de encontrar a casa arrumada, a comida pronta e a roupa limpa. Devemos romper esta escravidão doméstica, e fazer com que existam direitos iguais. Só assim construiremos uma sociedade que permita florescer a justiça, a igual-

dade, a felicidade, o amor e a paz”.

AVANÇO ORGANIZATIVO

Noemi Huth, Coordenadora do Setor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, destacou que a mulher tem papel fundamental na economia, mas que o seu trabalho não é considerado produtivo, “portanto, sem direito à previdência, direitos trabalhistas ou aposentadoria”. Noemi historiou a atuação das mulheres na região. Em 1976, foi criado o primeiro núcleo de mulheres, esposas e filhas de associados à Cotrijuí em Augusto Pestana, e logo já havia nove núcleos semelhantes — atualmente são 85 na região.

Em Ajuricaba, o Núcleo de Mulheres liderou uma luta por melhores condições de saúde, conseguindo a aplicação de um projeto elaborado junto com os demais segmentos da sociedade local. A criação em 1976 da Cooperativa Central Gaúcha do Leite representou um avanço da mulher na economia local, já que ela é a principal responsável pelas atividades ligadas à produção do leite. “Hoje, concluiu Noemi, a mulher conquistou o direito de representar o marido na Cooperativa, mas ainda luta

pelo direito à voz e ao voto na empresa”.

Muitas participantes denunciaram que, apesar da jornada de até 16 horas de trabalho por dia não têm direito à previdência.

Muito aplaudida foi uma trabalhadora que se referiu às propagandas que o general Figueiredo vem fazendo pela televisão: “Quando o presidente usou todo aquele dinheiro para embelezar o país, será que ele pensou na falta de previdência, na fome, na dívida? Será que ele pensou nos brasileiros?”

A Federação das Mulheres Gaúchas, o Movimento Unitário da Mulher Gaúcha e a União de Mulheres de Ijuí saudaram o Encontro, e esta última agremiação distribuiu ainda nota em que afirma: “A mulher do campo é oprimida e marginalizada, não possuindo os poucos direitos já conquistados pela mulher da cidade, como a sindicalização, previdência social e aposentadoria. Por tudo isso, a mulher do campo precisa se organizar para exigir o que lhe está sendo negado”.

O ponto alto do evento foi a aprovação de um documento contendo as reivindicações das trabalhadoras rurais, como o fim da discriminação contra as mulheres, direito de votar e ser votada nos sindicatos e cooperativas etc. O documento será entregue ao candidato das oposições à Presidência da República, Tancredo Neves. (Ana Maria R. da Silva, Terezinha Weiller).

Goiano não quer aumento trimestral da passagem

As entidades populares de Goiânia estão se mobilizando para barrar a tentativa dos empresários de transportes coletivos de quebrar a semestralidade de aumento da passagem de ônibus. Em carta aberta à população, o Movimento Contra a Carestia e a União Estadual dos Estudantes denunciaram a tentativa dos empresários de impor o reajuste trimestral das tarifas. Essas entidades participam da Comissão de Estudos Tarifários da Transurb, mas recusaram-

se a participar de sua última reunião, que discutiria o aumento trimestral.

PRESSIONAR O GOVERNO

Em Carta Aberta à população, a UEE e o MCC afirmam que não aceitam qualquer aumento no preço das passagens de ônibus antes de fevereiro.

As entidades acreditam na necessidade da mobilização popular para fazer com que o governo do Estado honre seu

compromisso de manter o reajuste semestral e não aceite o argumento dos empresários que, baseado na elevação dos custos do transporte, reivindica aumento das tarifas. Ao contrário, a população de nossa capital vai sofrer mais uma vez uma enorme deterioração do valor de seus salários, que já são insuficientes para suas necessidades básicas”, comentou Sérgio Duarte de Castro, do Movimento Contra a Carestia.

(da sucursal)

Muda Brasil vence eleições para a UEE no Rio Grande

Após uma intensa campanha eleitoral, a chapa Muda Brasil venceu as eleições para a União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul (UEE-RS). Obteve 13.254 votos, 1.925 a mais do que a chapa concorrente, intitulada Luta e Democracia Já.

As forças que apoiaram Muda Brasil também foram vitoriosas nos pleitos para os DCEs da Unisinos de Passo Fundo e Rio Grande. Agora vão disputar os DCEs de Santa Maria e Pelotas. Esses resultados marcam um grande passo do movimento estudantil no Estado.

O presidente eleito da UEE, Douglas Mattos, frisou que a entidade vai lutar “em torno das resoluções aprovadas no último Congresso da União Nacional dos Estudantes, pois



Douglas, novo presidente da UEE

entendemos que cabe ao movimento universitário participar das lutas, inclusive as de natureza política, buscando a unidade interna e com todas as forças que se opõem ao regime militar”.

“Somente através do apoio ao candidato único das oposições, Tancredo Neves, é que será possível enfrentar o candidato do continuísmo, Paulo

Maluf”, completou. Ele também defendeu a aplicação, por um governo oposicionista, de um Plano de Emergência para a Universidade. E enfatizou: “É preciso que todos nós estejamos mobilizados para pressionar o governo democrático que será eleito a 15 de janeiro para que assuma as reivindicações dos estudantes brasileiros em defesa da Universidade pública e gratuita. É preciso lutar pela contenção dos aumentos abusivos nas escolas pagas, pela mudança e democratização dos Conselhos Federal e Estadual de Educação, bem como eleições diretas para reitor e todos os cargos de direção da Universidade. No governo Tancredo os estudantes terão maiores condições para interferir na mudança da Universidade”. (da Sucursal)

Têxteis encerram campanha salarial com vitórias

Os trabalhadores têxteis encerraram vitoriosamente a campanha salarial deste ano. No acordo que assinaram com os patrões, conquistaram 100% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para quem ganha até oito salários-mínimos e 2% de aumento real dos salários. Terão, ainda, antecipação salarial equivalente a 50% do INPC nos meses de fevereiro, maio e agosto, a título de trimestralidade, mudança da data-base de 26 para 11 de novembro e 90 dias de descanso para gestantes, entre outras coisas.

A grande disposição de luta que animou os têxteis durante a campanha foi demonstrada na assembléia que decidiu fe-

char o acordo, à qual compareceram 1.200 operários. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Nilton Otaviano, considerou os resultados da luta um avanço, enquanto o diretor José Roberto garantiu que “a campanha não se encerrou, mas terá continuidade com um nível maior de mobilização. Conseguimos mudar a data-base, o que nos garante, inclusive, a antecipação de um mês do reajuste salarial, mas queremos mudá-la para 1º de novembro a fim de unificá-la com a de outras categorias”. Disse ainda que “o acordo não foi excelente, mas foi um passo e, sem dúvidas, foi o melhor que a categoria fez nos últimos oito anos, devido à sua maior mobilização”.



Nilton, presidente do Sindicato

Encontro de bóias-frias e sem-terras em Pontal

Milhares de bóias-frias e lavradores sem terra participaram do II Congresso Regional da Terra realizado no último dia 15, na Gleba 15 de Novembro, no Pontal do Paranapanema, em São Paulo. No local estão assentadas, as 430 famílias que no ano passado estavam acampadas na rodovia SP-613 (na altura de Rosana e Teodoro Sampaio) reivindicando terra.

Trabalhadores rurais de Presidente Prudente, Tarabá, Mirante do Paranapanema, Cuiabá Paulista e diversas outras cidades da região se deslocaram em caravanas até o Pontal para prestigiar o encontro. A tarde, foi organiza-

da uma concentração em frente à Prefeitura de Teodoro Sampaio e uma passeata até a Escola José Amador.

Na escola, foi realizado um ato público com pronunciamentos de diversas autoridades e sindicalistas. A situação fundiária da região mereceu um demorado debate. Da manifestação, participaram o prefeito do Município, José Natalício, o deputado Mauro Bragato, o procurador do Estado, Zelmo Denari, e o representante do Instituto de Assuntos Fundiários (IAF) do Estado, Emídio da Silva, além de vários sindicalistas.

A concentração na escola durou mais de três horas.

Conforme a avaliação dos trabalhadores, “o movimento serviu para mostrar que somente unidos os bóias-frias, os lavradores sem terra e os camponeses oprimidos pela situação atual do país poderão conquistar os seus direitos mais elementares, como terra e justiça e, assim, garantir melhores dias para nossos filhos”. Um tema muito discutido pelos presentes foi a organização sindical, “um dos meios que o trabalhador possui para lutar unido em torno dos seus interesses”, conforme um dos presentes que enfatizou: “Com esse Congresso, nós melhoramos muito nossa organização”.

Professores mantêm greve em Goiás

Em Goiás, continua a greve dos professores da rede estadual, deflagrada no último dia 12.

Eles reivindicam a imediata aprovação do Estatuto do Magistério, da forma como foi elaborado pela comissão composta por representantes da Assembléia Legislativa, da Secretaria da Educação, do Centro dos Professores e das Associações dos Orientadores e dos Supervisores do Estado.

governo vem tratando a aprovação do Estatuto do Magistério e a modificação de uma série de itens do projeto original foram as principais causas da greve. O projeto governamental não propõe o piso salarial de três salários mínimos, exigido pelos mestres. Não permite a aposentadoria aos 25 ou 30 anos de serviço ao especialista de educação, nem a eleição direta para diretor de escola ou delegado de ensino.

to revoltados quando foram informados, no dia 20, que até aquela data o projeto do Estatuto não havia chegado à Assembléia Legislativa para ser votado, uma vez que o governo havia anunciado que o enviaria desde o dia 13. Os professores deliberaram pela realização de uma vigília permanente na Secretaria de Educação, até que o projeto do Estatuto do Magistério seja enviado à Assembléia Legislativa.

A morosidade com que o

Os professores ficaram mui-

(da sucursal)



LEIA E ESTUDE O MARXISMO LENINISMO

Obras do dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, à venda na Editora Anita Garibaldi:

Eurocomunismo é anticomunismo	Cr\$ 4.000,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA.....	Cr\$ 2.000,00
Discurso aos eleitores.....	Cr\$ 1.500,00
El imperialismo y la revolución.....	Cr\$ 4.000,00
Notas sobre China (2 volumes), cada	Cr\$ 10.000,00
Les Titistes.....	Cr\$ 3.000,00

Outras obras sobre a Albânia:

Socialismo na Albânia, de Jaime Sautchuk	Cr\$ 8.800,00
Perfiles de Albania	Cr\$ 15.000,00
Historia del PTA.....	Cr\$ 15.000,00
Revista Albania Nueva.....	Cr\$ 2.000,00
Revista Albania Hoy.....	Cr\$ 2.000,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi, com o envio de cheque nominal no valor da compra. Av. Brig. Luís Antônio, 317, 4º andar, sala 43, CEP 01317. Fone 34-0689 — São Paulo, SP.

CDM

Fundação Maurício Grabois

Enclat do Amazonas apóia Tancredo e quer oposição unida

Cerca de 500 trabalhadores urbanos e rurais participaram do II Encontro Estadual da Classe Trabalhadora — Enclat —, promovido pela Intersindical do Amazonas e manifestaram na ocasião seu apoio ao candidato das oposições Tancredo Neves. Para a presidência da Intersindical - AM foi eleito Francisco Braga.

Segundo Francisco Braga, "a participação de todas as correntes ideológicas existentes no movimento sindical proporcionou um caráter unitário ao Encontro, tendo sido as discussões de todos os temas bastante aprofundadas, principalmente no que se refere à unidade sindical e sucessão presidencial. Os trabalhadores entendem que a sua unidade é de fundamental importância para sairmos da escuridão em que fomos colocados durante vinte anos".

O Enclat amazonense apoiou a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República e repudiou a de Paulo Maluf, por representar o continuísmo do regime militar. Os trabalhadores exigiram uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana e aprovaram uma moção de apoio a todos os partidos políticos mantidos na clandestinidade pelo regime.

PROGRAMA MÍNIMO

No apoio a Tancredo, os trabalhadores do Amazonas defendem o cumprimento de um programa mínimo de trabalho, em que seja decisiva a participação do povo, através de seus órgãos representativos. O Enclat propõe a ruptura dos acordos com o FMI, acompanhada da suspensão do pagamento da dívida externa, até que o povo se pronuncie sobre ela.

A plenária sugeriu a realização de um Seminário Nacional para debater o problema agrário, considerando

fundamental a participação dos trabalhadores rurais na reforma agrária. O Enclat quer ainda a canalização de verbas para a Fundação Nacional do Índio — Funai —, com prioridade para a demarcação das terras indígenas, para que sejam evitados os conflitos entre índios e trabalhadores rurais.

Entre outras reivindicações, os amazonenses também querem a destinação de 13% do orçamento da União para a Educação, e a democratização do ensino, que deve ser público e gratuito. Foi colocado ainda a necessidade de uma política habitacional que atenda aos reais interesses dos trabalhadores, respeitando as condições mínimas de moradia.

UNIDADE SINDICAL

A unidade sindical foi a tônica das discussões nos grupos de trabalho. No documento final do Enclat foi reafirmada a necessidade da extinção de todas as leis de exceção, para que a classe trabalhadora possa se organizar e atuar livremente.

Foram repudiadas todas as formas de arbítrio cometidos contra os trabalhadores do campo e da cidade. No final do Encontro, os trabalhadores elegeram, de forma direta, a primeira diretoria da Intersindical-AM. Tornou-se presidente, então, Francisco Braga, diretor da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Amazonas, que exortou "a unidade de todos em busca de melhores dias para os brasileiros". (da sucursal).



Congresso de fundação da Conam em 1982: de lá para cá "a entidade viveu um período de dispersão"

Conam discutirá os rumos do movimento comunitário

Nos dias 8 e 9 de dezembro será realizado o II Congresso da Conam (Confederação Nacional das Associações de Moradores), em São Paulo. Dada a importância do evento, a Tribuna Operária publica abaixo um artigo assinado por quatro dirigentes da Conam — Walder Feldman, João Bosco, Inácio Arruda e Francisco Luciano —, que expressa a posição das lideranças mais comprometidas com o fortalecimento e atuação firme da entidade nacional dos moradores.

O movimento popular dos moradores de bairros e favelas, na luta pela construção de instrumentos organizativos que o representem e articulem suas lutas no país, fundou em congresso realizado em 1982 (em São Paulo) a Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam). Com isso o movimento comunitário criou um instrumento capaz de elevar sua atuação a um novo patamar.

De sua fundação até hoje a Conam procurou se firmar, embora não tenha conseguido êxito nesta tentativa. Pouco fez e ficou imobilizada por longo tempo. De meados de 82 até setembro de 84, viveu um período de dispersão em suas atividades. Não se fez presente em importantes lutas que se desenvolveram nessa época.

Agora retoma sua atuação e num curto período de tempo já realizou duas reuniões de seu Conselho de Representantes e convocou a realização de seu II Congresso Nacional para os dias 8 e 9 de dezembro, em São Paulo.

"É crescente a atividade do nosso movimento"

Simultaneamente, o movimento comunitário, através de suas federações, associações de moradores, de favelados e de mutuários, desenvolve crescente atividade, trava importantes lutas como a dos mutuários, transporte, posse do solo urbano.

Tudo isso configura um quadro de avanço geral da luta do movimento comunitário e é um auspicioso indicador de como a população cada vez mais participa, de forma organizada, da vida política e associativa do país.

A convocação do Congresso da Conam se situa também neste quadro de reanimação do movimento comunitário e recoloca as discussões sobre o papel, a construção e a ação da entidade.

A preparação e realização deste Congresso são uma oportunidade para que, fazendo um balanço da atuação

do movimento comunitário e do desempenho da Conam, se superem dificuldades e se defina um processo de contribuição real e ativa da entidade geral dos comunitários.

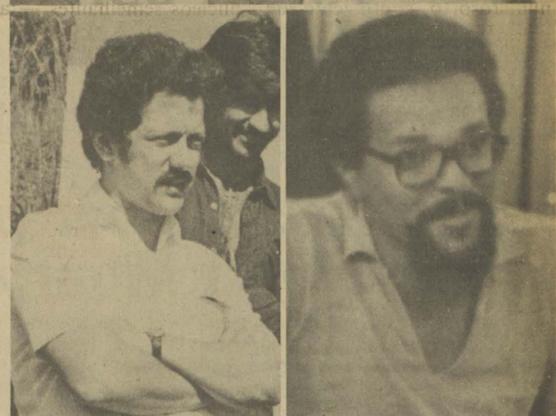
"Garantir ampla discussão sobre os rumos da Conam"

Por outro lado, devido ao pouco tempo de preparação e ao imobilismo anterior da Conam, a realização do Congresso limita de forma significativa uma participação de qualidade das várias entidades estaduais e locais. É necessário um grande esforço do conjunto do movimento e do atual núcleo dirigente da Conam, simbolizado no seu presidente Almir de Barros, para que se garanta um Congresso representativo, em que a participação de todas as entidades seja garantida; *combativo*, em que debatam os grandes problemas políticos nacionais e que se posicione sobre o processo sucessório; em que se elabore uma plataforma de reivindicações e lutas que contemple grandes reivindicações gerais do movimento; *unitário*, em que os interesses particulares e de pequenos grupos sejam deixados de lado em função do objetivo maior de construir uma entidade nacional do movimento comunitário, única-efetiva-combativa.

No processo de reuniões e articulações que discutiu a retomada das atividades da Conam, uma questão intencionalmente debatida foi a possibilidade do adiamento do Congresso para uma data que permitisse uma preparação ativa, de forma a ser garantida uma ampla e democrática discussão sobre os rumos da entidade. Foram inúmeras as marchas e contramarchas em torno dessa questão.

"Ficar ao lado do povo e apoiar Tancredo Neves"

Consideramos que o adiamento do Congresso e a realização de um grande Encontro Nacional do Movimento Comunitário, no qual se fizesse um balanço do momento político e se



Acima, ao centro, Inácio Arruda, da Federação de Fortaleza; abaixo (da esq. para a direita), Walter Feldman e João Bosco: "Por um congresso amplo, representativo e unitário"

traçasse um processo de reorganização da Conam que culminasse no Congresso, seria a posição mais justa e adequada à realidade de articulação geral e construção orgânica do movimento.

Essa proposta, amplamente majoritária em representativos setores do movimento, esbarrou e esbarra na intransigência do núcleo da direção da Conam, que o atual presidente, Almir de Barros, lidera.

Diante do impasse criado e da obstinada decisão do grupo de Almir de Barros, a postura correta e unitária é a de participar do Congresso. Dessa forma estaremos atuando dentro do movimento comunitário e aí procuraremos influir para que ele se dirija no sentido de construir a Conam e realizar um congresso forte, amplo, atuante, unitário.

A realização do Congresso no início de dezembro, por outro lado, ensejará uma oportunidade para o movimento comunitário se colocar ao lado da esmagadora maioria do povo brasileiro:

— adotando de forma clara a posição de apoio ao candidato único das oposições, Tancredo Neves;

— defendendo a legalidade do processo sucessório, contra as manobras casuísticas do Planalto;

— elaborando uma plataforma que contemple as

principais reivindicações do movimento, a ser encaminhada ao candidato das oposições;

— elaborando um plano de trabalho que trace as linhas gerais de atuação do movimento nos próximos anos, no qual se destaque a construção efetiva da Conam e as lutas comuns a serem levadas pelo conjunto do movimento.

"Imprimir um caráter unitário e combativo"

Consciente de que a construção de um movimento comunitário forte e unitário é um processo complexo, cheio de idas e vindas, compreendemos que o congresso ora convocado, apesar de suas falhas e limitações, poderá ser um elemento a mais nessa luta pela construção da entidade nacional representativa.

Seu maior ou menor avanço está diretamente ligado a uma participação massiva e atuante das entidades que compõem o movimento. Assim conclamamos todos os companheiros, particularmente aqueles que fazem restrições ao processo de convocação e realização do Congresso, que, superadas as dificuldades, enviem todos os esforços para participar e dessa maneira poderemos, de dentro dele, imprimir-lhe um caráter combativo e unitário.



A linha de montagem da Ford do Ipiranga ficou totalmente vazia

Metalúrgicos páram fábricas da Ford em São Paulo

Numa ação conjunta e coordenada, os metalúrgicos das quatro unidades da Ford de São Paulo estão em pé de guerra para arrancar da multinacional americana algumas melhorias salariais. Ao todo são cerca de 17 mil operários, sendo que os 3 mil do Ipiranga e os mil de Osasco cruzaram os braços no início da semana para aumentar a pressão sobre a firma.

A greve na Ford do Ipiranga, na capital paulista, começou na madrugada de terça-feira, dia 20, tendo a frente a respeitada Comissão de Fábrica e a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Os 3 mil funcionários entraram na firma, bateram o ponto, mas não trabalharam. Exigem que a antecipação salarial concedida em agosto, de 20%, não seja descontada; um abono de emergência no valor do salário nominal; congelamento dos preços do transporte, alimentação e convênio médico; e trimestral com base no INPC integral (na campanha salarial dos metalúrgicos, em outubro, conquistou-se o trimestral de 80% do INPC).

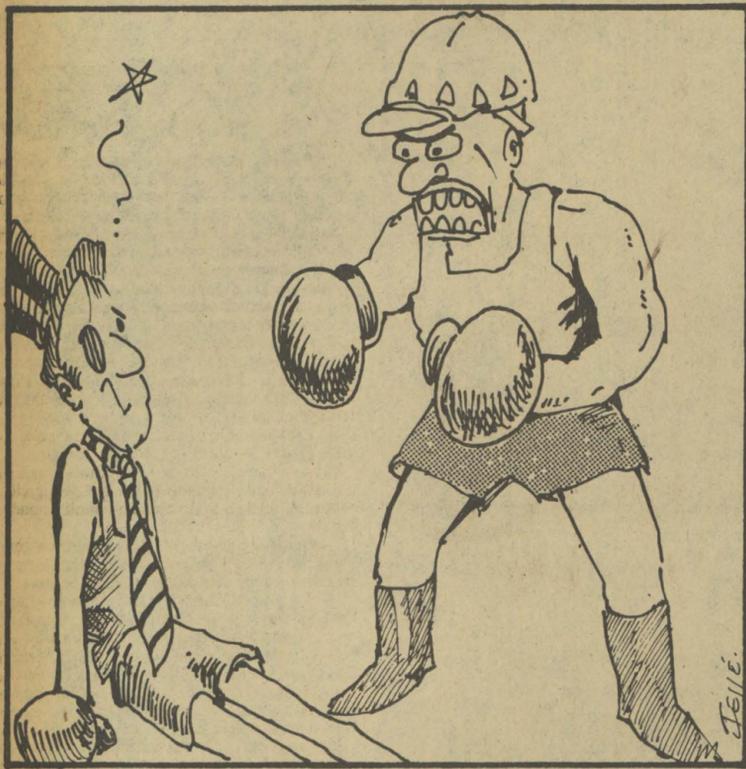
Na fábrica de Osasco as reivindicações são as mesmas e a paralisação se iniciou ao meio dia de quarta-feira, dia 21. Já na maior unidade da multinacional americana, em São Bernardo do Campo, os 12 mil operários devem decidir ainda esta semana se cruzam os braços. E os 600 operários de Taubaté, no interior de São Paulo, ainda negociam com a empresa, havendo possibilidade de ser assinado o acordo.

IRRITAÇÃO PATRONAL

Novamente os metalúrgicos da Ford Ipiranga demonstraram seu alto grau de organização parando to-

talmente a empresa. Em dois dias de paralisação a empresa deixou de fabricar 240 veículos (pick-ups e caminhões). A direção da empresa se mostrou irredutível no início do movimento, mas já apresenta sinais de recuo frente a coesão dos grevistas. Por outro lado, o órgão dos empresários paulistas, a Fiesp, protestou veementemente contra a greve, distilando todo seu ódio de classe. "Estes movimentos são ilegítimos, não éticos, e totalmente fora de propósito dentro de um acordo", esbravejou Roberto Della Manna, diretor do Departamento Sindical da Fiesp. Para ele os Sindicatos dos Metalúrgicos de Osasco e São Paulo romperam o acordo salarial recentemente assinado, liderando estas greves.

Luiz Antonio, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e que tem acompanhado de perto a greve na Ford, contesta a provocação da Fiesp, "Na última assembléia da nossa campanha salarial deixamos bem claro que o acordo assinado era o mínimo. Que as fábricas mais mobilizadas, que tivessem condição de exigir outras melhorias, deveriam realizar g / ves e que o Sindicato estaria à frente do movimento. Esta foi nossa palavra de ordem, que a luta continua no interior de todas as fábricas da capital".



Metalúrgicos da CGA conquistam 10% do INPC

Já no dissídio desse ano — em maio — os metalúrgicos da Companhia Geral de Acessórios, CGA, demonstraram grande combatividade, comparecendo em massa nas assembléias do Sindicato. Como fruto disso conquistaram 10% de aumento acima do INPC para todos, antes do próprio acordo da categoria. Além dos pagamentos dos adicionais de insalubridade a partir da data do dissídio, o que há anos reivindicavam sem sucesso.

O movimento não parou. A luta seguinte foi pelo pagamento dos dois anos atrasados da insalubridade. Depois de associarem 98% dos operários nas oficinas, procuraram o Sindicato, que entrou com um processo na Justiça a favor dos associados.

As pressões logo começaram. Chamaram, um a um, diversos trabalhadores no gabinete do diretor administrativo e propuseram acordos com percentual irrisório. Ao mesmo tempo ameaçavam que quem não aceitasse poderia prejudicar o seu futuro na empresa. Até pedidos de vale eram

condicionados à desistência do processo e à aceitação do acordo da firma.

Os operários não se intimidaram e realizaram uma assembléia no Sindicato para denunciar as repressões. Em represália, a empresa demitiu dois funcionários — queridos por todos — no dia seguinte.

No mesmo dia, membros da diretoria do Sindicato e da comissão de salários da categoria se fizeram presentes na porta da empresa, denunciando de viva voz as arbitrariedades patronais, causando comoção entre os trabalhadores.

Imediatamente a empresa recuou e procurou um acordo com os operários. Depois de duas concorridas assembléias, foi conquistado um acordo razoável. Infelizmente, apesar da insistência, não foi conseguida a readmissão dos dois demitidos, devido à intransigência patronal. (Comissão de Salários dos metalúrgicos — Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Se ficar, a Moar pega, se correr a Moar come

Na fábrica Moar, localizada no Distrito Industrial de João Pessoa, a exploração é absurda. O restaurante não é bom e cobra Cr\$ 7 mil por semana, enquanto a maioria dos funcionários ganha apenas Cr\$ 20 mil no mesmo período.

Ficamos numa situação que se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, porque se pagarmos a refeição ficamos apenas com Cr\$ 13 mil para transporte, água, luz, moradia etc. Como a maioria não pode, então levamos marmita de casa. Os patrões não nos deixam usar o restaurante e aí somos obrigados a comer pelo chão, nas

calçadas, nas oficinas, sujeitos a todo tipo de situação: sol, chuva, falta de higiene.

Os operários não agüentam mais os baixos salários, a falta de condições de trabalho e de liberdade. Qualquer coisa os patrões botam a gente pra fora. Os patrões só pensam em enriquecer e a situação dos operários fica cada vez pior. Por isso, precisamos nos organizar e lutar contra a exploração, nos organizando nas fábricas e através do sindicato, fazendo com que este assumam a luta em defesa de nossas necessidades. (operário leitor da TO — João Pessoa, Paraíba)

Falta tudo no nosso conjunto, sr. presidente da Cohab!

Volto a escrever para este jornal, desta vez para denunciar o presidente da Cohab, sr. Lelivaldo Benedito Marques. Como é de conhecimento geral, este conjunto não é dotado de nenhuma infra-estrutura. Sempre que pressionamos a direção da Cohab com nossas reivindicações, ela só sabe responder que os problemas hoje existentes não pertencem a ela, mas sim à administração anterior, o que não deixa de ser verdade. Mas o que estão fazendo esses homens que há dois anos estão na direção da Cohab?

A alegação sempre é a de que não há verba. Só que tive oportunidade de

visitar várias vezes a Cohab no prédio Martinelli e sempre vejo lá se fazendo diversas reformas visando o conforto e o bem-estar deles. De onde sai esse dinheiro? No nosso conjunto faltam creches, posto de saúde, posto policial, parque infantil, escolas, farmácias, telefones públicos, etc. Já estamos morando aqui há um ano e nada foi feito para melhorar o local. É doloroso saber que um governo que se diz democrático deixa uma população de mais de 16 mil pessoas vivendo sem as mínimas condições necessárias. (Joel Avelino Ribeiro — Itapevi, São Paulo)

Na Gasparian os ratos comem nas marmitas dos operários

Os trabalhadores da Gasparian são reprimidos de maneira brutal. Mesmo já tendo seu cartão marcado no horário, se a fábrica apitar quando vão se trocar os empregados são impedidos de entrar na sessão. E têm um salário de Cr\$ 170 mil.

A falta de higiene é tão grande que os ratos comem nas marmitas dos funcionários. O mau cheiro no refeitório é tão grande que é impossível super-

tar. As baratas andam soltas pelo refeitório. No vestiário os ratos já roem as bolsas dos trabalhadores e inclusive as roupas dos funcionários. Mas esta situação não vai continuar, segundo informa a diretora suplente do Sindicato dos Têxteis de SP, Júlia Pereira Souza. Os trabalhadores estão dispostos a ir à greve para acabar com esta situação. (Elgito Alves Boaventura — São Paulo, SP)

Malufistas querem tomar posse de entidade estudantil

A União Canoense de Estudantes vem a público manifestar seu repúdio a fatos ocorridos antes e durante o XXXVIII Congresso da UGES, pelo que expõe:

— Pela repressão instaurada pela Polícia Federal, Polícia do Exército e Brigada Militar, coibindo manifestações por parte dos estudantes.

— Pela fraude no credenciamento, onde “não-estudantes” e elementos ligados aos órgãos de repressão receberam credenciais com direito a voz e voto.

— Pelo não-credenciamento de estudantes oposicionistas.

— Pela total ausência de debates sobre os problemas estudantis, o

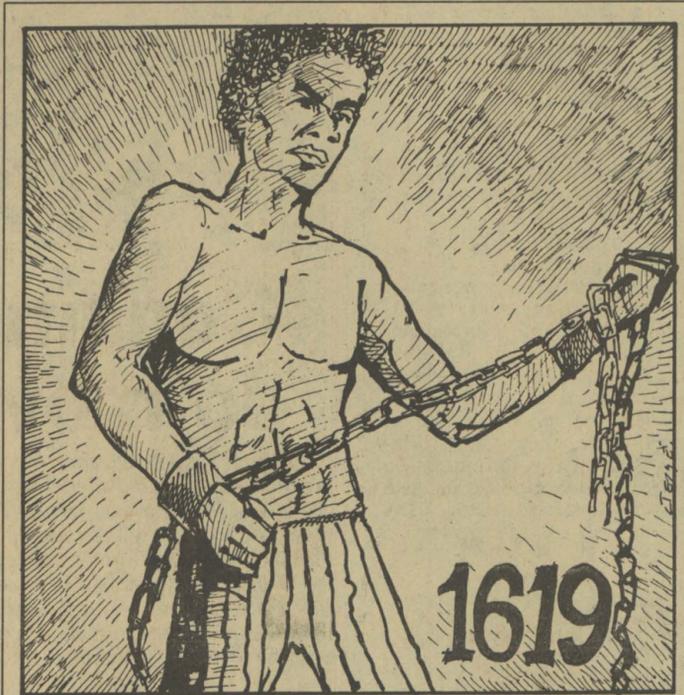
que transformou o Congresso apenas em eleição de diretoria.

— Pelo desprezo da diretoria anterior, em relação aos problemas dos professores e estudantes, e seus ataques ao CPERS e à UBES.

— Pelo boicote realizado por alguns grupos de oposição, que auxiliaram o continuismo dos serviços do regime na direção da UGES.

Lutando pela construção de um movimento estudantil livre e soberano, convocamos os colegas estudantes a se unirem a nós.

(Vinício Rolim, presidente da União Canoense de Estudantes - Canoas, Rio Grande do Sul)



Zumbi, rei dos Palmares

Nas senzalas neste dia não se viu nenhum temor e covardia

O que se via nas senzalas era a vontade de começar uma nova etapa revolucionária

Era a vontade sem igual de se lutar pela liberdade de se pôr fim à escravidão

20 de novembro de 1695, Dia da Consciência Negra. Que grande dia! Dia de lembrar Zumbi, dia de lembrar a grande resistência dos Palmares dia de lembrar o grande povo vindo da África

que aqui chegando longe de seu glorioso continente era açoiado, massacrado e nunca temeu lutar.

Zumbi, grande líder os militares golpistas nos impuseram seu esquecimento; mas nosso povo ávido de luta jamais o esquecerá. Você representa o grande baluarte da luta pela liberdade E só quem confia e luta pela liberdade é que se espelha em ti

(Antônio da Silva Ortega, diretor do Sindicato dos Metroviários de São Paulo, SP)



Carmópolis está com Tancredo

Carmópolis, com apenas 58 km², tem sua área dividida entre a Petrobrás, para exploração do petróleo, e a Agropecuária São José, do latifundiário deputado Augusto Franco.

Os velhos trabalhadores rurais que há cerca de 12 anos, após o fechamento da Usina Oiteirinhos, ficaram sem trabalho e sem terras para plantar, com a coordenação do líder político do PMDB local, Ariosvaldo Gomes, estão organizando um movimento pacífico para que o problema seja levado ao governador João Alves Filho.

Resolveram os trabalhadores, liderados por Ari, convocar o secretário de Justiça, Tertuliano Azevedo, que compareceu à reunião onde

estavam presentes mais de 500 lavradores. Impressionado, o secretário, após várias horas de diálogo, disse aos trabalhadores do campo que o governador é sensível a estes problemas e tem certeza de que ele em breve será solucionado.

Os trabalhadores rurais gostaram do diálogo com o secretário, ficaram esperançosos e aguardam solução. Apoiado pelos lavradores, Ariosvaldo tomou da palavra solicitando ao secretário que transmitisse ao governador João Alves Filho que o povo de Carmópolis está a seu lado em apoio ao ex-governador de Minas, Tancredo Neves (amigos da TO - Carmópolis, Sergipe)



fala o POVO

As cartas de fábrica continuam chegando no Fala o Povo. Neste número três cartas vindas de três Estados diferentes — São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraíba — tratam do problema da exploração do operariado dentro da empresa. Em Porto Alegre os metalúrgicos da Companhia Geral de Acessórios conseguiram êxito graças à sua unidade na luta contra o patronato e ao apoio do Sindicato.

Como afirma a carta do metalúrgico gaúcho, “agora é preciso seguir unidos e organizar-se melhor, pois ainda há muito por conquistar”. De fato, o proletariado ainda tem por conquistar muitos direitos específicos e também sua liberdade, o direito de expressão e reunião. (Olivia Rangel)

Servidores exigem cumprimento do acordo na PB

Os servidores municipais de nível superior em João Pessoa estão se mobilizando para fazer com que o prefeito biônico Osvaldo Trigueiro cumpra o acordo de maio último, que previa o pagamento do 13º salário, tendo por base três salários-mínimos.

Este acordo, segundo Renô Macaúbas, presidente do Sindicato dos Médicos, foi firmado quando da greve dos médicos do município e logo depois estendido aos demais servidores de nível superior. Acontece que agora o prefeito só quer pagar o 13º (é a primeira vez que os servidores obtêm o 13º) em cima de Cr\$ 175.000,00, sob a alegação de que este é o salário real dos servidores e que o restante é um “abono” para complementar os três salários-mínimos.

Em declaração à Tribuna Operária, Renô Macaúbas foi enfático: “O nosso acordo foi em cima de três salários-mínimos e queremos o 13º em cima do salário mínimo vigente. Quer dizer que o que ultrapassa os tais Cr\$ 175.000,00 não é salário é no mínimo uma piada de mau gosto, pois consta dos contra-cheques meses seguidos. Logo, se constitui em salário”.

Os médicos, engenheiros, professores, advogados, economistas e arquitetos estão juntos na luta para fazer com que o prefeito deixe de conversa e cumpra o prometido. As diversas categorias estão mobilizando as suas bases e estão também partindo para a ação conjunta, como demonstram a divulgação de uma carta aberta à população e à assembléia geral conjunta do dia 13 de novembro. (amigo da TO em João Pessoa, Paraíba)

TO apóia a luta de emancipação das mulheres

Inegavelmente a mulher tem desempenhado papel ativo ao longo da história.

Se analisarmos com cuidado essa questão veremos claramente, expressa nas mais variadas épocas e formas, o intuito de se assegurar a sujeição da mulher. Mas ao mesmo tempo e na mesma medida, veremos também a dimensão de sua resistência e capacidade de luta.

Entretanto, hoje mais do que nunca, a mulher vem avançando na luta para conquistar os seus direitos, libertar-se da opressão e reivindicar sua participação efetiva nas decisões da sociedade.

Com essas preocupações, o Centro Popular da Mulher, de Fortaleza, vem salientando a iniciativa da Tribuna Operária, que, destacando a questão feminina, contribui para que se trate de maneira mais ampla e consequente a questão da mulher. Questão essa que, dadas a seriedade e a urgência, vem exigindo cada vez mais atenção, discussão e prática.

O Centro Popular da Mulher de Fortaleza faz público também seu repúdio aos atos terroristas de que foi vítima a Tribuna Operária. E como resposta às agonizantes e isoladas ações do regime gerador da discriminação, repressão e exploração, só temos uma coisa a dizer: as mulheres estão na luta. (Daciane Barreto, Centro Popular da Mulher, Fortaleza, Ceará)

Uma modificação no "Hamlet"

Um conto do escritor albanês Ismail Kadare



O camponês quis ceder-lhe a cozinha, logo o dormitório, porém quando Andrea não aceitou nem um nem outro, nem muito menos o quarto das crianças, insistindo no palheiro, o camponês fez um movimento com as mãos, como que pedindo misericórdia.

— Não me façam isto, guerrilheiro! Não me façam ter vergonha justamente nestes momentos!

— Perdoa que te diga, mas nunca vi pessoa mais teimosa do que tu — respondeu Andrea com um tom severo. — Te disse cem vezes e volto a repetir: não o queremos nem para ficar, nem para nos esquentar, mas sim para fazer teatro. Me entendes, homem? Para ensaiar o teatro.

O camponês escutava absorto.

— Para os ensaios de teatro, entendido? — prosseguiu Andrea fazendo um movimento de braços, como quem faz uma reverência a alguém. — Dama, aceite minhas respeitadas saudações... Não é tua culpa, tio, em tua vida nunca há visto um teatro.

As crianças, que seguiam a conversação com os olhos desmesuradamente abertos, riram, ocultando o rosto nas costas de um e outro.

— Como queira, esse não é o lugar para vós, vosso local está ali onde o exige vossa honra.

— Basta, homem — o interrompeu Andrea.

Já que não queres entender, dou por terminada a conversação. Dentro de uma hora viemos aqui, melhor dito, ao palheiro. Então, quem sabe entenderás o que é o teatro.

Enquanto saía pela porta do pátio, seguido pelos olhares curiosos das crianças, Andrea sorria consigo mesmo. Porém, quando se pôs a pensar no problema do modo de falar do fantasma no segundo ato, esqueceu por um momento o camponês. Qamil, que se inteirou que faria o papel do fantasma do rei, na tragédia Hamlet, lhe havia dito que colocaria uma batata na boca. Uma parte dos guerrilheiros o chamavam "fantasma", e outros, os mais velhos, "coco"... Não, lhe havia dito o diretor de cena, tu já não fazes o papel do representante da missão inglesa, como em *O alvor da liberdade*, para que me mudes a voz com batatas ou feijões, mas de representante de outro mundo... como dizer-te, do além, como imaginavam os anciãos. Que fale pelo nariz, propôs alguém.

Com um lenço na boa, opinava outro, e assim sucessivamente: com um funil, com a mão na boca, balbuceando como um mudo etc. Nenhuma destas propostas convenceu Andrea.

Não se tratava de um drama como todos os demais e menos ainda de uma representação em uma aldeia recém-liberada, mas de uma representação que se daria na capital, no dia seguinte da libertação, assim que havia que pensá-la seriamente.

Quando Andrea disse ao comissário que para o público da capital, ao mesmo tempo que *O alvor da liberdade* e *A mãe do mártir*, pensava preparar uma representação resumida de *Hamlet*, este moveu a cabeça com certa dúvida: acaso era ousadia demasiada? Quanto a isto de ousadia, Andrea o convenceu rapidamente: eles que estavam fazendo sucumbir a todo um mundo, como não se atreveriam a tal coisa? No que respeita à outra questão, se era ou não apropriada uma representação de *Hamlet*, o diretor de cena estava plenamente convencido de que o era. É um drama com crimes reais, disse ao comissário, cheio de intrigas palacianas, de cortesãos, cortesãs e fantasmas do velho mundo, com o qual o povo albanês havia acabado para sempre. Entende-me, comissário? Ademais, havia feito um resumo deste drama, suprimindo as cenas meditativas e filosóficas, deixando só a essência: a aparição do fantasma que denunciava a Hamlet o crime, os preparativos de Hamlet para a vingança, seu estratagemas mediante os atores de uma companhia e, finalmente, o destronamento do monarca usurpador. Vendo que o comissário ainda vacilava, Andrea levantou a voz: ao fim e ao cabo, mostraremos a esses pseudointelectuais, charlatães burgueses, feudais, a esses curas da catadura de Anton Harape (1), demagogos e demais inmundícies, que não eles, mas sim nós, os guerrilheiros, a quem acusaram de brutos e ignorantes, interpretamos pela primeira vez o *Hamlet* na Albânia!

Estas últimas palavras foram suficientes para convencer o comissário e, quando Andrea, entusiasmado pela aprovação, prosseguiu dizendo que coisa maravilhosa e significativa era Alushi de Mokra sair à cena e dizer o famoso monólogo "ser ou não ser", o comissário lhe havia interrompido: basta, ainda que tu mudasses de idéia, te obrigaria a pôr em cena o *Hamlet*.

Andrea, muito contente, despediu-se dele. Fazia mais de uma ano que se ocupava do teatro guerrilheiro. Ele mesmo formara o grupo e escrevia as peças de teatro quando não encontrava outras. Começou com peças simples de um ato, depois ampliou cada vez mais o grupo, até conseguir representar o drama *Margarita Tutulani* (2), escrito na clandestinidade e logo o drama *Guilherme Tell* de Schiller. Os guerrilheiros gostavam muito do teatro e algumas vezes, quando via como se sentavam em fila, em alguma praça, com as armas nos joelhos, esperando que se levantasse a cortina estendida entre dois paus, seus olhos quase se enchiam de lágrimas de felicidade.

Só que algumas vezes esta alegria se tornava tristeza. Ocorria que, em vésperas de uma nova representação, caíam em combate alguns membros do grupo de teatro e então Andrea se sentia profundamente compungido. Tenho um terrível assistente de cena, cego, dizia com um

sorriso amargo, a morte. E de fato, em pleno trabalho ela intervinha inesperadamente e em completa oposição com o texto, com o destino dos personagens e fora de toda lógica.

E por mais que tentasse desfazer-se desta idéia, quantas vezes no começo do trabalho, a repartir os papéis para a nova representação e explicar aos atores o conteúdo da peça de teatro, se dizia: e se ocorresse o contrário e a morte golpeasse segundo seus desejos a um e a outro!

Assim haviam morrido um após outro dois Guilherme Tell, um de Shkodra e outro de uma aldeia de Kolonja. A Suíça é neutra nesta guerra, havia dito com amargura, no entanto os suíços morrem em mãos dos alemães aqui em nosso país...

Andréa se pôs a pensar novamente na forma de falar do fantasma, porém se tranqüilizou com a idéia de que encontraria alguma solução antes do dia da representação. O principal era que havia encontrado um lugar apropriado para os ensaios, que tinha mais ou menos as dimensões do cenário do Cineteatro "Kossova", pelo que recordava da última vez em que esteve ali, antes de alistar-se como guerrilheiro.

— Andréa, que tal, como vai o trabalho? — perguntou alguém de longe. — Ouvi que está preparando *Hamlet*.

O diretor de cena fez um aceno indefinido com a palma da mão e apressou o passo. O principal era que os alemães não fizessem saltar pelos ares o cineteatro antes de retirar-se, murmurava. Era a primeira vez que sua imaginação o fazia relacionar uma de suas representações com a cortina do cineteatro da capital. Durante outras representações nem sequer pensara nisso, havia estado muito longe daquela cortina, enquanto que agora a cortina, as luzes, os palcos se acercaram rapidamente. Inclusive em um dia limpo, com um par de bons binóculos, o edifício do cineteatro podia distinguir-se dali.

Andrea se dirigia para o centro da aldeia. Quanto mais se aproximava do estado maior do batalhão, mais animação se notava pelos caminhos. Grupos de guerrilheiros passavam de um lugar a outro, mulas carregadas com morteiros, mensageiros apressados. Esta era a última aldeia liberada, mais além se estendia a zona dos combates e a periferia da capital, onde de quando em quando se ouviam explosões e disparos. Dizia-se que o Estado Maior Geral viria a estabelecer-se aqui.

Que batalhão será este? — pensou Andrea, ao escutar ao longe uma marcha. Ao largo de todo o dia houve movimento de batalhões, uns em direção de Tirana, outros para o caminho montanhoso por onde se esperavam reforços para os alemães. Deteve-se para escutar melhor e sorriu. Não se tratava de nenhum batalhão, mas do coro da brigada, que ensaiava em uma mesquita destruída pelo último bombardeio.

Também eles se preparavam para o primeiro concerto, o qual ninguém sabia com exatidão quando seria apresentado. Alguns diziam que seria simplesmente um concerto por motivo da libertação, outros insistiam que seria algo mais concreto: a proclamação da Albânia como república proletária, o Estado de operários e camponeses, ou, se não fosse isso, então seguramente para a convocação do parlamento do povo.

Um ruído longínquo, que como ondas se propagava pelo céu, fez com que Andrea levantasse a cabeça para avistar algum avião alemão, porém não pôde distinguir nada.

— Eh!, diretor, como vai o teatro? — perguntou-lhe da porta de uma cerca o intendente do batalhão. — Ouvi dizer que estreará uma peça em que Qamil fará de coco e Alushi discutirá consigo mesmo todo o tempo: que isto e aquilo, que sou e não sou. É verdade?

— Não de todo — respondeu-lhe Andrea, cortando a conversação.

Nos arroyos da aldeia grupos de guerrilheiros, rapazes e moças, tagarelavam alegremente. Nunca como naqueles dias lhe haviam parecido tão belas as mulheres do batalhão. Não só os olhos, mas tudo lhes brilhava: os botões do uniforme, os cabelos, acas podiam ver com eles também. Estava-se no umbral da época, disse César, da primeira companhia. Agora parecia fácil a Andrea escolher entre elas dezenas de Ofélias.

Encontrou-se com os guerrilheiros do grupo de teatro no pátio da casa onde se havia estabelecido o estado maior.

— Encontrei um bom lugar para os ensaios — disse. — Estaremos sós e tranqüilos.

Reuniram-se todos em torno dele, muito contentes.

— Diz-se que virá o Governo Provisório, — anunciou Hariha, que fazia o papel de Cláudio, pronunciando as palavras "Governo provisório" de um modo particular.

— Ah, sim? — respondeu Andrea. — Porém, onde, como?

— Não sei — disse Hariha. — Isto é o que pude escutar e de súbito me senti preocupado pela apresentação. E se quiserem vê-la?

Andrea encolheu os ombros.

Hariha olhava como que desorientado.

— Que é este "Governo Provisório"? —



perguntou Qamil. — Tenho a impressão de que jamais o ouvimos.

— Isto é também o que queria dizer, o que foi motivo de minha preocupação, — disse Hariha. — Não é o mesmo, suponhamos. O Estado Maior Geral, ou o Comitê Central, por mais altos órgãos que sejam, ali estão nossos camaradas. Porém isto de governo provisório é outra coisa.

— Como, como? — perguntou Andrea. — Não consigo te entender.

— Que há aqui para não entender? — disse Hariha irritado. — Me referi a... queria dizer... em poucas palavras: eu interpreto de boa vontade ante qualquer um, exceto esse... governo provisório. Quando penso que posso não lhe agradar...

Por alguns segundos Andrea ficou boquiaberto de assombro, logo estalou em gargalhadas.

— Porém que imaginas que é o Governo Provisório, seu bobo? Algum punhado de personagens com fraque, colarinho duro e gravata, vindos do exílio? Ha, ha, ha, só rindo. O governo provisório está formado por nossos camaradas, são gente do Estado Maior Geral, do Comitê Central.

Hariha olhava sem pestanejar.

— Tem razão, Hariha — disse Qamil. — Se é assim, por que nos confundem com estes nomes que não estamos acostumados? Que governo, que provisório? Estávamos bem até agora: estado maior, comando, comandante.

Andrea continuava rindo.

— Vamos agora — disse. — Filosofamos bastante.

Hariha suspirou e o pequeno grupo se dirigiu para o palheiro. Enquanto caminhavam, embora Andrea continuasse rindo intimamente com palavras de Hariha, quando imaginava a entrada eventual dos membros do Governo Provisório no palco do cineteatro "Kossova", a sua representação, sem querer, imaginou uma parte deles em trajes negros de civil.

Na porta do palheiro, o dono da casa com sua mulher, ele com um bule de café nas mãos e ela com xicaras, não se atreviam a empurrar a

vida. Havia dias que nem ele mesmo tinha ganas de mencionar, nem de brincadeira, a morte.

— Apressem-se, que está anoitecendo — disse ele.

Pela noite, para ficar em estado de alerta, dormiam em umas casas próximas ao estado maior e ali, num saguão frio, à luz de uma lâmpada de querosene, prosseguiram os ensaios.

A aldeia estava animada aquela noite, era uma animação estranha, algo misteriosa. Mensageiros chegavam ou partiam em direção desconhecida. Da capital vinham toda sorte de refugiados trazendo notícias as mais incríveis, algumas vezes como que atordoados, alguns portando as chaves dos Arquivos do Estado, outros com alguma velha pintura. Certa noite, no momento dos ensaios, entrou, quem sabe por quê, no saguão, pálido como cera, um escritor da capital.

— Este sim vale para fazer de fantasma disse Qamil. — Viram a cara que levava?

Na manhã seguinte se inteiraram de que se havia suicidado jogando-se em um precipício. Aquela tarde o avião alemão voltou a aparecer.

— Outra vez esse avião — disse Hariha pensativo, sem poder orientar-se de onde vinha o ruído. — Anda preso a nossos calcanhares!

— Vá para o diabo! — interrompeu-o Andrea. — Escuta — disse dirigindo-se ao guerrilheiro que fazia o papel de envenenador do rei. — Despejarás o veneno no ouvido, porém não como se estivesses engraxando a metralhadora, mas com astúcia, perfídia, secretamente, com toda a perversidade do mundo, me entendes? Estás cometendo um crime...

No momento em que estavam repetindo a cena, se produziu uma terrível explosão, porém sem o eco que a acompanhava habitualmente. Estava, ao que parecia, demasiado perto para que tivesse ressonância, e num instante veio outra que não deu tempo de pensar em nada. Um avião, disse alguém, e o diretor de cena que quis dizer: não, é um projétil de canhão, não teve tempo de dizer palavra, porque, uma terceira explosão, ululante e destruidora, já se produzia no meio deles. Andrea viu cair uma parede, quando estava estirado na terra. O assistente terrível, cego... Não conseguiu pensar outra coisa exceto nesta sua chegada, assim inesperada, furiosa. Não me esperavas, eh? Deve ter perdido a consciência só alguns instantes, porque, quando voltou a si, havia ainda fumaça e sentiu que o cal das paredes continuava manchando-lhe o rosto. Escutava vozes: "O diretor morreu", "Violeta está morta".

Eu não estou morto, pensou ele, cuidem de Violeta. O pano roxo dos palcos despedaçado aqui e ali, ora escurecia, ora avermelhava insuportavelmente diante de seus olhos. Não devia ter vindo, no entanto, disse ao assistente, era tarde demais para ti.

Violeta tinha morrido. O diretor de cena e o guerrilheiro Alush, que interpretava o papel de Hamlet, haviam sido feridos os dois no braço.

— É tarde para substituí-la — disse Andrea, uma semana mais tarde quando os atores começaram os ensaios. — Faremos sem Ofélia.

la e vinha diante deles com o braço enfaixado, preso a uma tipóia que passava pelo pescoço.

— Assim o faremos — continuou falando. — Alguém, ou melhor, eu mesmo, sairá diante da cortina para explicar aos espectadores o ocorrido, quer dizer, a causa da ausência de Ofélia. Tenho a certeza de que Shakespeare nos perdoará esta modificação.

Foi o dia em que um setor do centro da capital junto com o cineteatro "Kossova" haviam sido liberados e os alemães batiam em retirada pela estrada norte. Andrea respirou livremente quando se assegurou de que o cineteatro não fora destruído. Um mensageiro lhe havia dito que já o estavam arrumando para alguma coisa.

— Para quê? — perguntou Andrea.

— Não sei bem, alguns diziam para um concerto, outros para um processo judicial contra os traidores. Possivelmente para ambas as coisas. Sabes? Correm vozes de que prenderam os que informaram aos alemães o que se fazia aqui na aldeia.

Quer dizer que haveria alguma representação, algum processo, pensava Andrea, enquanto dirigia os ensaios. Quicá o processo se realizará pela manhã e pela noite a representação e parte dos espectadores poderiam ser os mesmos.

Imaginava sua aparição no cenário para explicar a ausência de Ofélia e as palavras que diria: como puderam escutar hoje pela manhã, pela própria boca dos traidores, eles mesmos informaram aos alemães o que se fazia na aldeia P. e os nazis enfurecidos a bombardearam. Nesse dia estavam ensaiando...

Não estava seguro de que a representação agradaria. Só estava seguro de que quando Hamlet aparecesse em cena com o braço enfaixado, sem ainda ter sido ferido por Laerte, o público aplaudiria.

1 - Um dos mais zelosos colaboradores dos ocupantes alemães na Albânia.

2 - Margarita Tutulani — heroína da Luta Antifascista de Libertação Nacional.

3 - O principal cineteatro de Tirana naquela época.

Ismail Kadare, provavelmente o nome maior da literatura albanesa, pertence à geração que já se formou após a libertação. Tem romances traduzidos para várias línguas, inclusive o português ("Tambora da Chuva"), embora sua melhor obra — "O grande inverno" — permaneça ainda inédita entre nós. E é também um contista ágil e penetrante.

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.

Telefone: 36-7531 (DDD 011).
Telefax: 01132133 TLOBR.

Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaje, CEP 57000. Maceió: Rua Cinemateatro Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.

AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone 237-9644 - CEP 69000.

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800.

Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100.

Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro.

Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060 - Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47 500.

SALVADOR: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40 000.

Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cemitério) - CEP 43 700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Vanócio IV - sala 312 - CEP 70302.

CEARA - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 80 000.

29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Canalle, 1891, 2º andar, fundos - CEP 95100. Pelotas: Rua Andrada Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 520. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Álvaro Alvim, 31, sala 1801 - Cinelândia - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, 2248, sala 4, Centro - CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saraiva, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Mantua: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2113, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200.

SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco - Edifício Oviedo Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.

PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 193 - CEP 66000.

PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçada - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.

PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428 - CEP 80000. Londrina: Rua Sergipe 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.

PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144 - 1º andar, sala 4 - CEP 64000.

PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista.

RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 408, sala 109 - Alacirim - CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara 22, sala

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Paste-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorués, Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 450 por exemplar

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cr\$ 50.000,00
 Anual popular (52 edições) Cr\$ 25.000,00
 Semestral (26 edições) Cr\$ 23.400,00
 Semestral popular (26 edições) Cr\$ 11.700,00
 Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: DATA:
 ENDEREÇO:
 BAIRRO: CEP:
 CIDADE:
 ESTADO:
 PROFISSÃO:

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna econômica mais de Cr\$ 50 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo. Documentação e Elementos

Envie seu cupom.

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Preços em reais
Tempo limitado
Envie hoje o seu cupom.

Fundação Maurício Grabois

Consciência negra vai ao Quilombo

Aos poucos, o 20 de Novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, se impõe em nosso calendário como *Dia da Consciência Negra*. Este ano as comemorações tiveram seu ponto alto em União dos Palmares, na Serra da Barriga, Alagoas, onde Zumbi tombou sem se render, quase três séculos atrás. Ali, prestou-se sentida homenagem à resistência dos escravos.

Este foi o quinto ano em que a epopéia do Quilombo foi reverenciada, e a participação foi maior. Além das diversas entidades do movimento negro brasileiro, houve também a presença de parlamentares e personalidades internacionais, príncipes e embaixadores de países africanos.

Vieram a Maceió os representantes diplomáticos de Gana e Nigéria, o príncipe das comunidades negras de Israel, Aziel Ben Israel, o deputado norte-americano Mervin Dimmally, os deputados federais Abdias Nascimento (PDT-RJ), Haroldo Lima (PMDB-BA) e Renan Calheiros (PMDB-AL), os deputados estaduais Eduardo Bomfim, Ronaldo Lessa e Afrânio Vergetti, além da população de União dos Palmares, que fez festa na cidade dia 20.

O momento mais grandioso e emocionante das comemorações foi na Serra da Barriga, onde ficava o mais forte e populoso quilombo de Palmares — a república negra formada por escravos fugidos do cativo, uma fortaleza de liberdade que durante quase um século resistiu ao assédio dos escravocratas (veja o quadro).

Houve pronunciamentos, cânticos, danças e celebrações religiosas. Todos os participantes, mais o povo de União dos Palmares, subiram a Serra da Barriga a pé, numa longa caminhada em homenagem aos escravos que romperam seus grilhões e fizeram ali a primeira grande jornada de resistência à opressão social no Brasil.

Estátua de Zumbi inaugurada em som nagô

No alto da Serra já estavam hasteadas bandeiras de todos os Estados. Ao som de cânticos em nagô, puxados por líderes negros, foi inaugurada uma estátua de Zumbi. Falaram representantes dos movimentos negros, de entidades que estudam questões afro-brasileiras e personalidades que apoiam a luta dos negros por seus direitos. O deputado Haroldo Lima, que falou em nome dos parlamentares, destacou o papel histórico e exemplar da resistência do Quilombo dos Palmares, mostrando a história de Zumbi como "um exemplo de luta, de bravura e de organização que hoje frutifica de outras formas em nosso país, neste momento crucial para o nosso povo. Os movimentos populares, e dentro deles o movimento negro, organizam-se, fortalecem-se e se engajam na luta de toda a nação pela liberdade,

pelo fim de uma tirania de 20 anos, contra os preconceitos racistas em todas as suas formas que atingem a dignidade do negro".

No final da tarde, o bispo da Paraíba, dom José Maria Pires, o *dom Pelé*, celebrou uma missa. E as festas entraram pela noite, com afoxês da Bahia, escolas de samba, reisados alagoanos, declamações de poesia negra e exibição de um filme sobre o Quilombo.

Anteriormente, em Maceió, houve toda uma semana de debates, palestras, atividades culturais e artísticas, abordando sob vários aspectos a questão do negro no Brasil, suas lutas de libertação e o papel do movimento negro brasileiro de hoje, integrado à luta de todo o povo brasileiro. No dia 19, houve uma grande reunião com todas as delegações de movimentos negros do país, destacando-se as numerosas representações da Bahia e do Rio de Janeiro. Olímpio Serra foi eleito ali presidente do Memorial Zumbi, que tem como secretário-geral Carlos Moura. Dois deputados, Haroldo Lima e Eduardo Bomfim, foram eleitos para o Conselho Geral.

(da sucursal)



Na Serra da Barriga, lideranças do movimento negro e democratas renderam homenagem aos quilombolas

Escravidão, uma história mal contada

Ainda está em grande parte por ser escrita a história da saga heróica da Palmares, como a de tantos quilombos e rebeliões negras no Brasil. Até hoje nossas classes dominantes, netas dos senhores de escravos, escondem do povo estas páginas tintas de lágrimas, suor e muito sangue.

Basta citar, a título de exemplo, que o governo federal escolheu, para presidir a comissão encarregada dos festejos do centenário da Lei Áurea, nada mais nada menos que o sr. Pedro de Orleans e Bragança! Que atributos possui esse cidadão para tratar das comemorações do fim da escravatura? O de herdeiro da casa imperial escravocrata? O de monarquista ferrenho? Ou o de prosélito da famigerada TFP?

Em oposição à hipocrisia oficial, os movimentos negros e outros segmentos democráticos e populares dedicam-se a resgatar a verdadeira história da luta contra a escravidão. Põem à mostra a contradição irreconciliável entre senhores e escravos, que marcou a fundo a sociedade brasileira durante mais de três quartos de sua existência. Trazem à tona o caráter radical — e, por que

não dizê-lo, revolucionário — de boa parte da resistência à escravidão em nossa terra.

Entre estas jornadas pela emancipação social avulta, com razão, a república negra de Palmares.

BATALHA ENTRECLASSES

Palmares não foi a primeira luta pela liberdade em terras brasileiras. Meio século antes de os quilombolas se refugiarem na Serra da Barriga, os índios do litoral fluminense já haviam se levantado em armas, unidos na Confederação dos Tamoios ("os donos da terra" em sua língua nativa), para fazer frente à opressão portuguesa. Foi no episódio de Palmares, porém, que aflorou pela primeira vez com contornos nítidos a oposição de classe entre senhores e escravos. Deu-se ali a primeira batalha em terras brasileiras entre uma classe social explorada e seus exploradores. E uma batalha que se prolongou por cem anos, desde a instalação dos primeiros quilombos na região, em fins do século XVI, até o massacre que pôs fim à resistência de Zumbi e seus guerreiros, em 1695.

A destruição de Palmares deu-se após três anos de assé-

dio das tropas do assassino de índios e negros Domingos Jorge Velho. Seguiu os padrões de selvageria que as classes dominantes iriam repetir ao longo da história do Brasil, nas

Guerras dos Cabanos, de Canudos e do Contestado, na Revolta da Armada e na Guerrilha do Araguaia, para citar apenas alguns exemplos. Mas não há atrocidade que acabe

com a luta das classes oprimidas, e a história das lutas passadas instrui e estimula os combatentes de hoje, como acaba de mostrar a comemoração na Serra da Barriga.



Na gravura de Debret, a oposição de classe que Palmares evidenciou

Vitória da unidade dos metroviários

Mais uma vez os 5 mil metroviários de São Paulo dão prova da força de sua unidade e consequência na luta: após uma movimentada campanha salarial, a Companhia do Metrô recuou, concedendo INPC integral para todos e um abono salarial. Para Cláudio Spiciatti, presidente do Sindicato, "sob todos os aspectos nossa campanha foi uma grande vitória".

Apesar desta campanha salarial se desenvolver fora da data-base da categoria, a grande maioria dos metroviários se mobilizou para pressionar o Metrô a conceder o INPC integral e o reajuste trimestral. Durante duas semanas os funcionários da empresa realizaram assembleias massivas; paralisaram suas atividades — com exceção dos operacionais; abriram as catracas para mais de 250 mil usuários; e realizaram uma passeata com mais de 2 mil presentes para quebrar a intransigência da Companhia.

Fruto de toda esta movimentação, que teve à frente o Sindicato, o Metrô teve de recuar. No início queria restringir o reajuste automático ao impos-

to na lei de arrocho; posteriormente resolveu conceder o INPC integral para os que ganham menos de três salários-mínimos e 90% para o restante da categoria. Mas finalmente, na terça-feira, propôs 100% do INPC para todas as faixas e mais um abono (os funcionários que recebem até Cr\$ 500 mil terão em 15 de janeiro um abono de Cr\$ 300 mil; para os que ganham de Cr\$ 500 a Cr\$ 667 mil o abono será de Cr\$ 240 mil; e acima disto, será de Cr\$ 165 mil). Quanto ao trimestre, alegou que não poderia conceder pois isso obrigaria o governo do Estado a regularizar o trimestre para todo o funcionalismo público.

Para Cláudio Spiciatti, presidente do Sindicato, "conquis-

tamos uma grande vitória. Além de arrancarmos a negociação antes da data-base, conseguimos quebrar a intransigência da empresa. Se não conseguíssemos o trimestral, o que exigiria a mobilização de todo o funcionalismo público, conquistamos um abono que representa para as faixas salariais mais baixas um reajuste de 120% do INPC".

"Mas o mais importante — enfatiza Cláudio — é que fortalecemos nossa unidade. Toda categoria participou desta campanha. Ninguém, nenhum setor ficou de fora das atividades de pressão. Isto ficou evidente na assembleia, onde só sete companheiros votaram contra o fechamento do acordo. Nela alguns metroviários propuseram a realização de uma greve. "Nós tínhamos condições de parar, havia mobilização. Mas neste momento a greve só traria prejuízo, não conseguiríamos arrancar mais nada do Metrô".



Cláudio Spiciatti apresenta a contraproposta aos 1.700 metroviários presentes na assembleia